

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Leandro de Lima Zanotto

JORNALISMO INVESTIGATIVO NA TELEVISÃO:  
UMA ANÁLISE DE REPORTAGENS DO JORNALISTA  
EDUARDO FAUSTINI

Passo Fundo

2015

Leandro de Lima Zanotto

JORNALISMO INVESTIGATIVO NA TELEVISÃO:  
UMA ANÁLISE DE REPORTAGENS DO JORNALISTA  
EDUARDO FAUSTINI

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo,  
da Faculdade de Artes e Comunicação, da  
Universidade de Passo Fundo, como requisito  
parcial para obtenção do grau de Bacharel em  
Jornalismo, sob a orientação da MS. Nadja Maria  
Hartmann.

Passo Fundo

2015

Leandro de Lima Zanotto

**Jornalismo Investigativo na Televisão:  
Uma análise de Reportagens do Jornalista Eduardo Faustini**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da MS. Nadja Maria Hartmann.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>ª</sup>. Ms. Nadja Maria Hartmann. – UPF

---

Prof. Dr. Benami Bacaltchuk - UPF

---

Prof. Dr. Otávio Jose Klein - UPF

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me dado forças para seguir até o final, depois a minha família em especial a minha mãe Paulina que e reza por mim e me dá forças para não desistir, ao meu pai Neuri pelas risadas e incentivos de seguir o meu caminho, e minha irmã Jéssica pela dedicação que me cobrou como seu exemplo, sem vocês meus pilares não conseguiria.

Agradeço de coração a todos que me ajudaram a chegar até aqui, do simples gesto até o mais completo, levarei todos em minha jornada dentro de meu coração e registro aqui minha gratidão a vocês.

Sou grato também a minha orientadora Ms. Nadja Maria Hartmann, pelas palavras de motivação e incentivo ao longo deste trabalho.

Quero também agradecer a todos meus professores, colegas e amigos pelo, incentivo, dedicação e inspiração que me deram para chegar a este momento.

Obrigado a todos pelo apoio eu sempre serei muito grato.

*“Existem dias em que o jornalismo registra fatos que, no futuro serão contados nos livros e serão guardados por gerações. Nesses dias, o que o jornalismo faz é escrever a história.”*

*Fátima Bernardes*

## RESUMO

A pesquisa intitulada “*Jornalismo Investigativo na Televisão: Uma análise de Reportagens do Jornalista Eduardo Faustini*” busca analisar as diferenças que ocorreram no processo do jornalismo investigativo do jornalista Eduardo Faustini. Para atingir tal objetivo, a pesquisa teve como metodologia a revisão bibliográfica e de análise qualitativa de três reportagens produzidas pelo jornalista em diferentes momentos de sua carreira. Após análise, a pesquisa chegou à conclusão que o trabalho do repórter sofreu mudanças após a morte do jornalista Tim Lopes e a criação da Abraji em 2002, como diminuição do tempo e utilização de infográficos e efeitos, mas o mesmo manteve as características pessoais como falar pouco e não mostrar o rosto.

**Palavras Chave:** Eduardo Faustini; Formato Jornalístico; Jornalismo Investigativo; Telejornalismo.

**LISTA DE FIGURAS:**

Figura 01 .....	59
Figura 02 .....	60
Figura 03 .....	63
Figura 04 .....	66

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	8
2	JORNALISMO EM TELEVISÃO .....	12
2.1	Gêneros do Jornalismo na TV .....	14
2.2	Gêneros na Televisão Brasileira.....	15
2.3	Reportagens em TV.....	16
2.4	Modelos de Reportagem em TV .....	18
3	JORNALISMO INVESTIGATIVO .....	20
3.1	Jornalismo Investigativo: o Formato.....	23
3.2	Classificações do Jornalismo Investigativo .....	26
3.3	Jornalismo Investigativo na TV .....	27
3.4	Caso Tim Lopes .....	29
3.5	Eduardo Faustini .....	31
4	ANÁLISE .....	36
4.2	Descrição do <i>Corpus</i> das Reportagens.....	38
4.2.1	Guerra Social .....	38
4.2.2	Corrupção em São Gonçalo.....	39
4.2.3	Prefeitura de Cidade do PR, distribui medicamentos vencidos a doentes....	40
4.3	Análise das reportagens.....	41
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	50
	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	52
	REFERENCIAL DE FONTES ELETRÔNICAS.....	54
	ANEXOS .....	56
	ANEXO I – Reportagens Analisadas em DVD .....	56
	ANEXO II – Descrição na Integra da Reportagem Guerra Social.....	57
	ANEXO III – Descrição na Integra da Reportagem Corrupção em São Gonçalo: .....	61
	ANEXO IV – Prefeitura do PR, distribui Medicamentos Vencidos a Doentes. ....	64
	ANEXO V Modelo criado por Mark Lee Hunter, para o Manual de Jornalismo Investigativo da Abraji.....	67

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo investigativo por si só já é algo questionado entre os profissionais da área da comunicação, desde o surgimento de seu formato. Não seu resultado, mas o contexto no qual palavra é colocada no século XXI. A presente pesquisa buscou apontar conceitos e destacar as correntes de pensamento sobre o tema, como também, oportunizar o conhecimento mais específico das características do jornalismo investigativo na TV. A análise será feita baseando-se no trabalho o jornalista Eduardo Faustini, que há mais de trinta anos trabalha com este formato.

Nos dias atuais é questionado se todo o jornalismo é investigativo ou não. Este questionamento, segundo Fortes (2012), se apresenta devido ao fato que até o final da década de 1980, o jornalismo praticado na maioria das redações, principalmente no Brasil, demandava de uma certa investigação para confirmar as informações. Algo que mudou com a chegada da internet na década de 90, quando os jornalistas passaram procurar as informações na internet sem fazer qualquer tipo de investigação ou checagem direta com a fonte, baseando-se muitas vezes apenas nas informações contidas em sites. Lopes (2003) em seu livro defende que todo o jornalismo se torna investigativo no momento em que, o repórter busca informações com a fonte, mas este, não tira o mérito do trabalho feito por profissionais que se dedicam vários meses a uma reportagem para mostrar algo desconhecido a população.

Com a chegada da televisão no Brasil a partir da década de 50, o jornalismo ganhou um espaço neste meio de comunicação que, é um dos mais presentes na sociedade atualmente. Mas, foi apenas no final da década de 70 e início da década de 80 que começaram a surgir os primeiros programas e reportagens na TV neste formato.

É importante destacar que o jornalismo investigativo muitas vezes é confundido com jornalismo policial, pois na maioria das vezes faz denúncias de crimes. Segundo Fortes (2012) esta visão se deu principalmente devido a programas de televisão que surgiram também ao final da década de 90, quando reportagens feitas em programas policiais por repórteres como o jornalista Gil Gomes, que se utilizava de métodos de investigação em suas reportagens. Sequeira (2005) lembra que o jornalismo investigativo não trata apenas de denúncia de crimes, mas também apresenta um jornalismo que mostra algo desconhecido pelo público em geral. Por isso citamos no parágrafo acima os jornalistas que se enquadram neste último formato.

Tais fatores provocam a vontade de descobrir e analisar mais de perto as características do trabalho feito pelo jornalismo investigativo na televisão e seus riscos. Saber quais suas diferenças, após este terceiro momento, marcado principalmente por uma mudança no posicionamento do método de trabalho do jornalista investigativo, após a morte de Tim Lopes e a criação da Abraji (Agencia Brasileira de Jornalismo Investigativo), e descobrir quais as características mais usadas neste formato. Para se chegar a estas repostas, essa pesquisa se utiliza autores como Leandro Fortes (2010), Cleofe Monteiro Sequeira (2005) e Tom Rosenttiel e Bill Kovach (2003).

A primeira reportagem analisada se intitula, *Guerra Social*. A mesma foi exibida em 1989, no programa *Documento Especial* então, exibido na extinta TV Manchete e, feita por Eduardo Faustini. A segunda reportagem para análise foi exibida no programa “Fantástico” na TV Globo, em 21 de abril de 2002, e se intitula *Corrupção em São Gonçalo*. A terceira reportagem foi ao ar também, no programa Fantástico da TV Globo, no dia 02 de agosto de 2015. A reportagem faz parte de uma série exibida pelo programa chamada, “*Cadê o dinheiro que tava Aqui?* ”, feita por Eduardo Faustini em parceria com o Ministério Público do Paraná. O título da reportagem foi *Prefeitura de cidade do PR, distribui medicamentos vencidos a doente*”.

As três reportagens foram escolhidas pelos formatos que apresentam e por terem sido produzidas em períodos diferentes da carreira de Faustini. Uma em 1989, quando se tem a chegada da internet, a outra em 2002, quando o jornalismo investigativo muda seu foco das favelas para o poder público, após a morte do jornalista Tim Lopes e a criação da Abraji (Agência Brasileira de Jornalismo Investigativo), e a terceira, quando vemos este formato já conceituado e, agindo em parceria com órgãos públicos em 2015. Um critério importante para a escolha das mesmas também foi a importância que as mesmas tiveram para a sociedade e os prêmios que receberam. E por fim, todas as reportagens devem receber a assinatura do jornalista Eduardo Faustini.

Mas para se chegar a este momento de análise das reportagens, foi necessário elaborar um referencial teórico sobre o tema que é apresentado inicialmente. Logo no primeiro capítulo, se inicia com um panorama geral falando sobre a história da televisão, primeiramente, mundial e posteriormente no Brasil. Destaca-se, a criação dos primeiros telejornais e programas que passaram a exibir o conteúdo produzido pelo jornalismo investigativo. Autores como Paternostro (1999) e Rezende (2000) contextualizam este capítulo.

No capítulo posterior, inicia-se o embasamento teórico do tema e passa-se a falar dos gêneros jornalísticos, primeiramente, desenvolvidos por Beltrão (1976) e adaptados por Marques de Melo (1986), onde é readaptado pelo mesmo autor, pela última vez em (2010). Aqui, analisamos em qual gênero se encontra o jornalismo investigativo. Ainda neste momento, fala-se dos gêneros e formatos da televisão, utilizando o autor José Carlos Arochi de Souza (2004).

Seguindo com o embasamento teórico, aborda-se a Reportagem em TV e suas características. Foram utilizados para contextualizar este momento, os autores, Sebastião Squirra (1993), Jean Jacques Jaspers (1998), Arantes e Musse (2010), Ricardo Kotscho (2001), Alexandre Carvalho (2010), Dirceu Fernandes Lopes e José Luiz Proença (2003). Posteriormente, ainda neste capítulo falou-se do modelo de reportagem que foi contextualizado pelos autores, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986). Passamos então a articular o jornalismo investigativo, sua história e as duas correntes que debatem sobre o tema, destacando suas características e seu funcionamento na TV, além de questões como a segurança dos profissionais que atuam no jornalismo investigativo. Para este momento, foram trazidos os autores Hugo de Burgh (2008), Daniel Santoro (2004), Dirceu Fernandes Lopes e José Luiz Proença (2003), Cleofe Monteiro de Sequeira (2005), Leandro Fortes (2012) e Tom Rosenstiel, Bill Kovach (2003). Ao final, apresenta-se o perfil profissional de Eduardo Faustini e a sua trajetória no jornalismo investigativo que completa 37 anos em 2015, sendo 20, na TV Globo.

Para traçar a biografia de Faustini, foram utilizadas duas entrevistas feitas com o mesmo, uma delas, em fevereiro de 2011 pelo jornalista Milos Kaizer para a revista *Trip do site UOL* (revistatrip.uol.com.br) e a outra, que Faustini concedeu para a jornalista Aluiza Cardoso em 2013, quando foi um dos convidados para falar sobre seu trabalho na 8ª Conferência Mundial de Jornalismo Investigativo. A entrevista foi publicada no *site* do evento (br.gijc2013.org).

Para o embasamento teórico e a construção do poder de argumentação, foram utilizados para esta pesquisa, publicações de artigos, livros e periódicos, além de reportagens sobre o tema estudado.

Na terceira parte do trabalho, utilizamos o método da Análise conceitual apresentados pelos autores, Leandro Fortes (2010), Cleofe Monteiro Sequeira (2005) e Tom Rosenstiel e Bill Kovach (2003). A pesquisa avalia qualitativamente o formato e as características de três reportagens feitas por Faustini em sua carreira. O objetivo foi identificar as características mais presentes no trabalho do jornalista no período em que

cada reportagem foi exibida, destas quais mudaram e quais deixaram de ser utilizadas ou voltaram após algum tempo. Sendo a primeira reportagem analisada de 1989, a segunda em 2002 e a última em 2015.

A parte final da pesquisa, traz informações encontradas, de quais características do jornalismo investigativo foram utilizadas nas reportagens de Eduardo Faustini, analisando, seus períodos, sendo as que mudaram e as que deixaram de ser utilizadas ou voltaram novamente a técnica do jornalismo investigativo do repórter. Com este trabalho, busca-se apresentar os principais aspectos desta mudança na produção e formato do jornalismo investigativo de Eduardo Faustini.

## 2 JORNALISMO EM TELEVISÃO

O jornalismo investigativo está de forma diária em qualquer veículo de comunicação, mas é na televisão, que o mesmo tem se tornado mais conhecido pelo público como um jornalismo verdade<sup>1</sup>. É nele, que a análise da presente pesquisa se inicia baseado no conteúdo produzido para este meio, que é acompanhado por milhões em todo mundo. Neste capítulo inicial, iremos falar sobre a história do jornalismo na televisão, desde sua criação até as últimas novidades no século XXI, apresentando a mudança de seus formatos, e o início do modelo americano de fazer jornalismo.

A televisão chegou ao Brasil, trazida pelo empresário Assis Chateaubriand Bandeira de Melo em 1950. Em 1965, no dia 26 de abril de 1965, as 10h:45min da manhã, entrava no ar a TV GLOBO.

A Rede Globo até aquele momento, já exibia telejornais com mais qualidade devido a chegada do VT<sup>2</sup>, recurso usado já por outras emissoras, em telenovelas. Mas foi em 1969, que chegou a casa dos brasileiros o “*Jornal Nacional*”, com um modelo muito parecido com o americano, e se tornando o primeiro telejornal do Brasil, transmitido para várias emissoras do país ao vivo com imagens geradas para os estúdios no Rio de Janeiro.

Rezende (2000) em seu livro, *Telejornalismo no Brasil um perfil editorial*, fala do estilo jornalístico que foi implantando pelo *Jornal Nacional* no país e, é praticado até hoje no telejornalismo onde, muitas destas reportagens do jornalismo investigativo e do cotidiano, são apresentadas atualmente lado a lado. Ele cita a fala de Evandro Carlos de Andrade diretor da central de Jornalismo da Rede Globo, nos anos 1997 que diz que, o modelo utilizado pela maioria dos veículos de comunicação e que é usado pelo JN, é o de *Hard News*.

Não é sincera essa crítica de que o JN não se aprofunda. Isso acontece por que o povo quer meia hora mesmo. Nos Estados Unidos, os jornais entram todos às 19h; todos no mesmo tamanho, porque foi mais do que medido o tempo em que se esgota o interesse por novidades. (PADICLIONTE *apud* REZENDE,1997, p.12)

---

<sup>1</sup> Jornalismo Verdade: Termo usado por Fortes (2012, p.54), para definir as reportagens que apresentam um grande número de argumentos, segundo o autor estas passaram devido sua forte argumentação a não ser questionada pelo público se o que está sendo mostrado está coreto ou não. FORTES (2012, p.54)

<sup>2</sup> VT (VÍdeo -taipe): No ano de 1956, em 14 de abril, dois cientistas da americana Ampex, Charles Ginsberg e Ray Dolby, revolucionaram o modo de fazer televisão com o invento do "videoteipe". Deste modo não chegaria mais aos olhos do telespectador os erros e improvisos da televisão feita ao vivo. As produções podiam ter seus trabalhos melhor acabados. Constituiu em uma fita com largura de 90 cm que gravava as imagens anteriores a exibição na televisão. O videoteipe foi usado pela primeira vez no Brasil em 1958, com a apresentação de "O Duelo", de Guimarães Rosa, pelo programa "TV de Vanguarda", da TV Tupi de São Paulo. (BAHY. Roberto. A História do Vídeo Tape,2012. Site:jovemguardasempre.blogspot.com.br/).

Na década de 70, a TV Globo cria o *Globo Repórter*, com uma característica de mostrar reportagens e um jornalismo no formato de documentário com informações mais aprofundadas e temas específicos.

Com a saída da TV Tupi, o governo colocou no ar duas novas emissoras, o (SBT) Sistema Brasileiro de Televisão, do empresário e apresentador Silvio Santos e, a Rede Manchete da família Bloch. A Rede Manchete colocou em prática um jornalismo também baseado nas características norte americanas. Adolfo Bloch, presidente da emissora, se inspirou na CNN para trazer um jornalismo de referência para o canal e colocou no ar o “*Jornal da Manchete*”, sucesso no telejornalismo na época, destacado pela inovação e por dar início ao formato que conhecemos hoje. Além de dar espaço para o primeiro programa de jornalismo Investigativo da TV brasileira, chamado, “*Documento Especial*”. (PATERNOSTRO, 1999, p.22)

Kneipp (2008) destaca que o programa “*Documento Especial*”, da TV Manchete, por seu jornalismo feito no formato investigativo, pode ser considerado o primeiro programa exclusivamente neste formato na televisão brasileira. Com 30 minutos semanalmente, o programa era apresentado com reportagens mais aprofundadas, similar ao “*Globo Repórter*”, com uma diferença na linguagem abordada, dando espaço a assuntos polêmicos como denúncias e suicídio etc. Segundo a pesquisadora, cenas fortes eram apresentadas durante o programa como assassinatos e corpos tanto que, antes do seu início era apresentado uma legenda, para que pessoas sensíveis e crianças não assistissem o programa.

Havia dois Brasis, o Brasil que estava na televisão e o Brasil que estava diante dos seus olhos. Então, você olhava para os dois lados e você via pobreza, bandidagem, roubo, miséria, sexo, corrupção... E você ligava a televisão e não existia nada disso. O Documento Especial introduziu todos esses temas” (KNEIPP, 2008, p.13).

Com o crescimento de emissoras de TVS a Cabo no Brasil<sup>3</sup>, o telejornalismo perdia espaço e necessitava de renovações. O “*Jornal Nacional*” em 1998, trocou os apresentadores por jornalistas mais jovens e posteriormente colocou um casal, se tornando o jornal da família, porém, foi especificamente um fato que mudou de vez a linha editorial

---

<sup>3</sup> TVS a Cabo no Brasil: KNEIPP (2008), destaca que em 1995, iniciou-se o processo de TV a Cabo no Brasil, operado principalmente pela Globo SAT, que através de cabos de fibra óptica, transmitia uma programação de diversos canais fechados, muitos de notícias como a Globo News. Este processo fez com que muitas pessoas migrassem para este sistema onde a programação era mais ampla e com diversidades. KNEIPP (2008, p.32)

da emissora. De acordo com Rezende (2000 p.140), a reportagem sobre tortura policial em Diadema, na Grande São Paulo, com imagens de um cinegrafista amador em março de 1997, quebrava de vez “toda a rigorosa assepsia visual estabelecida durante anos” REZENDE (2000, p.140).

Para Marques de Melo *apud* Rezende (2000 p.141) ao evidenciar esse retrato, do cotidiano das camadas mais pobres da população, a emissora demonstrava “sinais de vitalidade”, libertava-se do estigma de rede oficialista e atendia “aos anseios da sociedade civil” (MARQUES DE MELO *apud* REZENDE, 2000, p.141).

Os anos 2000 e um novo século chegam para o telejornalismo, como uma continuação dos anos 90, mas com mais tecnologia, fazendo assim um jornalismo mais competitivo e ao mesmo tempo mais popular.

O próximo tópico aborda os gêneros do jornalismo e seus formatos, e buscaremos compreender seu surgimento e sua classificação.

## **2.1 Gêneros do Jornalismo na TV**

O presente subcapítulo deste trabalho passa apresentar os gêneros do jornalismo, baseado nos trabalhos dos professores Luiz Beltrão (1976) e Marques de Mello (2010), para entender em qual gênero encaixa-se o jornalismo investigativo. Posteriormente apresenta-se os gêneros do jornalismo em TV.

Muito já se escreveu sobre a função do gênero para o jornalismo, desde da prática até o ensino. No Brasil, a questão vem sendo estudada desde a década de 60 com o jornalista e autor, Luiz Beltrão que lançou uma trilogia sobre o tema com os livros, *Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980).

Beltrão (1976) classificou o jornalismo brasileiro, primeiramente, em 1976 nos seguintes gêneros: Informativo, Opinativo e Interpretativo sendo que estes, tinham suas subdivisões. O Informativo segundo Beltrão, era subdividido em História do Interesse Humano, Notícia, Reportagem e Informação pela Imagem. O Opinativo, era subdividido Editorial, Artigo, Fotografia e Ilustração, Crônica, Charge e Caricatura e Colaboração do Leitor. E por fim o Interpretativo em Reportagem e Profundidade. (BELTRÃO, 1976, p.35).

Em 1985, José Marques de Melo (1985) fez um mapeamento dos estudos dos gêneros jornalísticos e, sugeriu uma classificação que veio a se tornar a grande referência bibliográfica brasileira. José Marques de Melo (1985) inicialmente excluiu o gênero Interpretativo, mantendo a opção de gêneros Informativo e Opinativo, mas, subdividindo estes. O Informativo passou a ser subdividido em Nota, Notícia, Reportagem e Entrevista. O Opinativo em Editorial, Artigo, Resenha, Crônica, Caricatura, Carta, Comentário e Coluna. (MARQUES DE MELO, 1985, p.84).

Marques de Melo com o passar dos anos, revisou seus conceitos sobre os gêneros com a chegada de novas tecnologias e, o surgimento de novos veículos de comunicação em seu livro, *Gêneros Jornalísticos no Brasil* (2010), onde passou a classificar os gêneros em Informativo, Opinativo, Interpretativo, Diversional e Utilitário.

Segundo Seixas (2010), o gênero Interpretativo volta agora a aparecer nos veículos jornalísticos. Ele que nasce na década de 1970, com o *New Journalism*,<sup>4</sup> ganhando destaque acadêmico no livro, “Jornalismo Interpretativo” de Luiz Beltrão (1976). Ainda segundo a autora, o gênero Interpretativo, pode ser considerado o de relato ampliado que já foi chamado de reportagem de profundidade, projeção de futuro, prognóstico, informação íntegra e análise por Beltrão (1976).

O gênero Opinativo, também conhecido como argumentativo, para Marques de Melo (2010), surgiu no século XVIII, com as opiniões dentro das redações produzidas pelos jornalistas, especialistas colaboradores e leitores ou ainda pela própria empresa, Gênero Informativo é a base do jornalismo, e esse tem sido estudado desde o século XVII. Alguns autores como Luiz Beltrão (1976) e Marques de Melo (1985), descreviam que a informação deveria ser um relato dos fatos, uma descrição objetiva e imparcial. É neste gênero que se enquadra o Jornalismo Investigativo, conforme Marques de Melo (2010) que tem sua base, na produção de uma grande reportagem, como veremos mais adiante.

## **2.2 Gêneros na Televisão Brasileira**

Souza (2004), faz uma classificação mais específica dos gêneros para a televisão brasileira, e nos auxilia na classificação dos veículos onde foram exibidas as reportagens de jornalismo investigativo que trataremos mais adiante como análise.

---

<sup>4</sup> *New Journalism*: É um fenômeno influenciado pela imprensa underground de 60 nos EUA e se configurou no fazer jornalístico que “mistura” jornalismo com literatura em função da linguagem. O autor referência desta informação é (GOMES,2009,p.32).

Souza (2004), classifica os gêneros televisivos em Entretenimento, Informação, Educação, Publicidade e Outros, subdividindo estes gêneros em categorias, que são apresentadas na televisão brasileira diariamente. Para o autor, o gênero Entretenimento subdivide-se em programas de auditório, colunismo, culinário, desenhos animados, esportivo, filmes, humorismo, revistas, séries, *Talks shows*, teledramaturgia entre outros. O gênero de Educação, é composto por apenas duas categorias: educativo e instrutivo Souza (2004). Coloca ainda o gênero Publicidade e o gênero Outros.

Mas o gênero em destaque é o de Informação que Souza (2004) divide em debate, documentário, entrevista e telejornal. Segundo o autor, estes gêneros são usados para programas de natureza informativa, como por exemplo esportivo, político, educativo, entre outros. (SOUZA, 2004 p.144). Para Souza (2004), os programas sobre informação, poderiam estar sobre um único gênero, o do telejornalismo. O autor lembra que ampliação do telejornalismo com o passar dos anos passou em vários segmentos da televisão, passando a ocupar espaços além dos noticiários com novas formulas, lembra (SOUZA *apud* Lima, 2004, p.151).

O telejornalismo buscou outros formatos, além do telejornal. Por isso mantém-se em evidencia em todas as grandes de programação. São programas de debate e entrevista, mediados pelos jornalistas da rede, e também os documentários e reportagens especiais, que ocupam os departamentos de jornalismo das emissoras (SOUZA,2004, p. 152).

Além de encontrar e compreender o gênero no qual o jornalismo investigativo é praticado principalmente pelo repórter Eduardo Faustini como abordado neste subcapítulo, busca-se compreender no próximo subcapítulo o processo de reportagem, o que é o jornalismo investigativo, seu formato e classificação, além de como este funciona na televisão. Encerra-se tratando do caso Tim Lopes que pode ter sido um dos aspectos principais das mudanças ocorridas no jornalismo investigativo após 2002.

### **2.3 Reportagens em TV**

O subcapítulo que se inicia aborda a reportagem, em especial a reportagem feita na televisão. Com este subcapítulo, busca-se compreender como funciona o processo e qual o papel social da mesma, os modelos encontrados de reportagens, e encontrar aquele que se enquadra nas reportagens de Eduardo Faustini e no jornalismo Investigativo.

A reportagem ou matéria, como é chamada no meio jornalístico, tem um papel fundamental na forma de transmitir a notícia. Sua criação é incerta, mas, sua característica é marcante, seja em qualquer veículo de comunicação. O modo com que ela transmite a notícia, com uma maior riqueza de informações e um maior cuidado na produção daquele conteúdo a diferencia. “A produção de reportagem para o telejornalismo, requer muita atenção, pesquisa, checagem, além de muito profissionalismo da parte de todos os envolvidos no processo”. (SQUIRRA, 1993, p. 84).

A reportagem está presente em qualquer veículo de comunicação, sendo eles, jornais, rádios, sites e TV. Neste último, ela está ligada diretamente a imagem de forma essencial, para o seu processo segundo o autor (JESPERS, 1998, p.175).

Ao longo dos anos, a palavra reportagem, foi usada de diversas formas no jornalismo dando diversos sentidos. Mas talvez o autor, que a melhor possa definir é Jean-Jacques Jaspers (1998). Para o autor, “a palavra reportagem é originária do francês *reportage* e que significa transportar” (JESPERS, 1998, p.175). Com isso o autor descreve que o repórter busca levar o expectador até a notícia, contando o maior número de detalhes importantes, fazendo com que, se sinta parte da história.

Jaspers (1998) fala que a reportagem, pode sensibilizar o expectador e chamar atenção para uma questão em potencial, mobilizando o mesmo, de forma rápida para ter uma opinião sobre, aquele tema com a elaboração de bons argumentos do repórter. “Fala na primeira pessoa, confessa a sua subjetividade, a reportagem ou o inquérito escondem esta subjetividade sob uma pretensão à universalidade” (JESPERS, 1998, p.175).

As autoras Haydêe Sant Ana Arantes e Christina Ferraz Musse (2010) em um artigo apresentado no INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação) em 2010, (<http://www.intercom.org.br>), destacam que este modelo ficou conhecido em todo mundo e também, no Brasil com a chegada do *New Journalism*, onde os jornalistas a partir da década de 1960, começam a levar um maior tempo para cobrir uma matéria, e trabalhar com melhor qualidade, em cima do texto.

Um diferencial na produção dos autores do *New Journalism* é o fator tempo. Ao contrário dos demais jornalistas, eles dedicavam bastante tempo para cobrir cada história, levando semanas, meses e até anos para relatar um caso; (ARANTES.MUSSE, 2010, p.1).

Para que possamos definir melhor a reportagem na TV, é preciso compreender que ela é formada por uma série de aspectos dentro de uma redação, que parte de uma boa pauta, com apuração, gravação onde entram as imagens, edição e ao final a apresentação.

Segundo Carvalho (2010), a Reportagem Especial muito usada no jornalismo investigativo possui características como um maior tempo e ferramentas presentes em documentário. Para o autor, o que torna uma reportagem especial é o seu tratamento. “Ela nos permite aprofundar assuntos de interesse público, que podem estar retratados em uma única reportagem ou em série” (CARVALHO, 2010, p.84).

Caco Barcellos *apud* Lopes e Proença (2003), diz que as diferenças entre o Jornalismo Investigativo e a Grande Reportagem são irrelevantes. “A reportagem é o exercício da curiosidade. Em qualquer editoria, as grandes reportagens exigem procura. Quanto mais curioso você for, maior a possibilidade de você descobrir algo interessante” (LOPES E PROENÇA *apud* BARCELLOS, 2003, p. 162).

Souza (2004), fala que na televisão, a reportagem é usada principalmente no gênero de telejornalismo, com uma duração menor, mas a mesma aparece no gênero documentário com uma duração maior. Souza (2004), destaca que ela “associada a outros formatos como a câmera oculta e voz em *off* serve para o desenvolvimento do jornalismo investigativo” (SOUZA, 2004, p,45).

## 2.4 Modelos de Reportagem em TV

Segundo os autores Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986) podemos apontar três tipos de reportagens que são usadas em todo o mundo, principalmente, no Brasil.

A primeira é conhecida como Reportagem de Fatos onde o objetivo é o acontecimento. Segundo os autores, ela obedece sempre a pirâmide invertida, sendo as notícias narradas por ordem de importância ou cronológica. Nas reportagens para a TV, este modelo aparece geralmente na cobertura de grandes eventos. E se caracteriza por sua objetividade.

Em reportagens televisivas, quando se cobrem grandes acontecimentos, a edição parte do anúncio do fato, mas pode fazer de cada parte seguinte uma pequena notícia independente. Embora se caracterize pela objetividade, é possível encontrar exemplos em que o distanciamento seja menor; (SODRÉ.FERRARI,1986, p.8).

Outro modelo é o de Reportagem Documental. Segundo Sodré e Ferrari (1986), este modelo apresenta as informações, também de maneira objetiva, acompanhado de citações que, completam e esclarecem o assunto tratado. Este modelo, é mais comum no jornalismo escrito, é também, o mais usado nos documentários de televisão em programas como “Globo Repórter e SBT Repórter”. Segundo Sodré e Ferrari (1986), “na maioria dos casos, apoiada em dados que lhe oferecem fundamentos, adquire um cunho pedagógico e, se pronuncia a respeito do tema em questão” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.32).

É possível citar juntamente com este modelo outros poucos utilizados, mas muito semelhantes, são estes: Reportagem do Conto, que particulariza a ação, escolhendo um personagem, apenas para falar do tema que pretende contar. Há também a Reportagem Crônica que aparece mais em situações normais do cotidiano, conduzindo a reportagem e o texto de forma reflexiva, devido ao modo que o narrador escreve e fala o texto. O último formato de Reportagem é o de Ação. Segundo Sodré e Ferrari (1986), este é o mais usado devido a seu formato atraente, em que leva aos poucos a exposição dos detalhes, principalmente na TV. Neste formato, segundo os autores, é importante colocar o fato de forma próxima ao expectador, para que o mesmo fique envolvido com visualização das cenas (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.34).

Na televisão, o repórter participa da ação e deixa de ser um mero observador, tornando-se parte da história. Um exemplo disso é o que ocorre no jornalismo investigativo, onde o repórter torna-se parte da história para mostrar o fato. Segundo Sodré e Ferrari (1986), o importante neste formato é o repórter estar sempre envolvido com o que acontece. Para se quebrar a frieza de uma reportagem documental, ele usa o processo de intercalar com informações as imagens e momentos de ação.

Sodré e Ferrari (1986) lembram que pode ocorrer também, ao contrário em uma reportagem de ação, e esta, conter referências documentais. Este caso, é quando uma reportagem sai de uma notícia mais breve e, pretende ir além da informação conhecida, trazendo detalhes de um fato.

Com esta explanação é possível concluir o papel fundamental da reportagem no jornalismo e no telejornalismo, com sua característica de humanizar o fato e contar em profundidade a notícia. Esta característica é o que trata o próximo capítulo, quando traz o jornalismo investigativo e sua história principalmente na TV.

### 3 JORNALISMO INVESTIGATIVO

A palavra jornalismo investigativo, por si só, já representa para muitos autores grande divergência. Ao longo da história, discutiu-se se todo o jornalismo era ou não investigativo. E o que seria realmente este formato de jornalismo, que apresenta estas discussões presentes no meio acadêmico, e também, as mudanças que se abrem na redação após o caso “Tim Lopes”, sobre a segurança e os métodos deste formato de trabalho.

Por essência, o jornalismo tem o papel de investigar o fato por traz da notícia, para mostrar a informação, e isso é feito muitas vezes, através da reportagem em modelos como da Reportagem de Ação, como visto anteriormente. Mas, em uma reportagem investigativa, este tempo pode se estender muito mais que um dia ou uma semana, pode-se chegar a meses ou anos de produção e investigação, para se atingir os objetivos propostos com aquela reportagem.

Segundo Burgh (2008), as primeiras matérias de jornalismo investigativo surgiram ainda no iluminismo, período no qual, pensadores perceberam “que havia coisas a serem descobertas pela observação, e, a partir disso, as opiniões poderiam se legitimar de forma diferenciada” (Burgh, 2008, p.33). Este momento é considerado pelo autor como, precursor do jornalismo investigativo no mundo em 1791.

Tem-se posteriormente a invenção das primeiras técnicas pelo inglês Willian Steant, partindo de um conceito pela busca da verdade e com isso, o início do modelo que conhecemos atualmente no jornalismo investigativo, que surge nos Estados Unidos no século XX. Segundo Santoro (2004), a chegada do jornalismo investigativo na América Latina aconteceu em 1940 quando o jornalista Raúl Scalabrini Ortiz investigou a história das vias férreas no país.

Segundo Lopes (2003), os primeiros trabalhos do jornalismo investigativo no mundo, iniciaram após a Segunda Guerra Mundial. Sendo a grande maioria nos Estados Unidos, devido a participação do país na guerra com Vietnã, quando naquele momento “os jornalistas americanos se posicionaram contra o governo, e começaram a analisar criticamente a atuação dos políticos” (LOPES, 2003, p.13).

Mas os estudiosos do jornalismo investigativo como Leandro Fortes (2010) e Cleofe Monteiro Sequeira (2005), concordam que o marco do gênero jornalismo investigativo, foi o caso *Watergate*, denunciado no jornal americano “*Washington Post*” em 18 de junho de 1972, causando a renúncia do presidente americano Richard Nixon.

Com a participação dos Estados Unidos na guerra com Vietnã, e análise de jornalistas americanos que começaram a criticar fortemente a guerra, a reportagem escrita por Carl Bernstein e Bob Woodward, deixou seu marco no jornalismo investigativo do mundo. Sequeira (2005), conta que o caso analisado era aparente simples:

Cinco homens haviam sido presos na noite de 16 de junho de 1972 tentando instalar aparelhos eletrônicos de espionagem no comitê do Partido Democrata, no edifício Watergate, em Washington, nos Estados Unidos. Ao investigar o caso, os repórteres chegaram à Casa Branca e ao Coordenador de Segurança do Comitê para a reeleição do presidente Richard Nixon. (SEQUEIRA, 2005, p. 11)

No Brasil, o jornalismo investigativo começou apenas na década de 1960, devido a censura da ditadura militar. Sequeira (2005, p.12), cita o exemplo de publicação do jornal “Estado de São Paulo”, com uma série publicada em 1976 sobre “superfuncionários”, referindo-se, a ministros e ao governo depois da censura.

Mas para Fortes (2012, p.10), o *boom* do jornalismo investigativo no Brasil, foi o *impeachment* do então Presidente da República em 1992, Fernando Collor de Mello. Nascimento (2010) lembra que uma entrevista publicada pela revista *Veja*, com o irmão do então presidente, Pedro Collor, foi o que provocou a criação de uma CPI, para investigar o governo.

(...) foram duas reportagens que mostraram as principais provas testemunhais contra Collor de Mello. Ambas as reportagens foram resultado do trabalho de jornalista sem reproduzir nenhuma investigação oficial e, por isso, são fortes exemplos de reportagens investigativas. (NASCIMENTO, 2010, p.21)

Sequeira (2005) traz a visão do repórter Percival e Souza que, diz que o jornalismo investigativo sempre existiu nas redações brasileiras, pois haviam repórteres que corriam atrás da notícia e do furo da reportagem tentando alertar a sociedade sobre o que estava acontecendo realmente. Para ele, o que mudou foi o modelo praticado. “Nos anos 1970, por exemplo, o modelo de jornalismo investigativo era muito apreciado com a grande reportagem, pois, tinha como referência a corrente americana denominada, *New Journalism*” (SEQUEIRA *apud* SOUZA, 2005, p. 62).

Fortes (2012) considera que a mudança da imprensa e do jornalismo investigativo foi marcada pela Constituição de 1988. Segundo o autor, a própria revista *Realidade* sofreu com a censura, pois, seu crescimento foi logo nos primeiros anos de seu surgimento, decaindo posteriormente, devido à forte pressão militar da época. “A nova Constituição,

assegurou a liberdade de imprensa e abriu a oportunidade de o Ministério Público, virar um instrumento da sociedade” (FORTES. 2012. p, 88). Para o autor, foi na chamada “Era Collor”, que os métodos de investigação no jornalismo investigativo se, tornaram organizado dentro das redações no país.

Com a redemocratização do país, em 1985, os jornalistas começaram a respirar, a fugir do noticiário oficial e, finalmente, a buscar a melhor notícia – aquela que está escondida. (...). Os sucessivos escândalos ocorridos entre 1990 e 1992, durante a gestão do presidente Fernando Collor de Mello, resultaram em uma febre investigatória francamente disseminada pela imprensa nacional. (FORTES, 2012, p.90).

Em 2002, foi criada a Abraji, (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo). Fortes (2012.p.95) destaca que a criação da Associação foi um avanço e um salto para o Jornalismo Investigativo, podendo ser considerado um marco neste formato. Para o autor, este foi um “salto evolutivo no processo de engrenagem da investigação dentro das redações” Fortes (2012.p.95). Como destaca o autor a Abraji é uma instituição de jornalistas desvinculada dos interesses das empresas de comunicação, independente e apartidária, não sindical e não acadêmica mantida apenas por profissionais da imprensa. Esta foi fundamental na colaboração e orientação de formar os direitos dos jornalistas investigativos e além de denunciar, buscar novas formas de estes profissionais continuarem fazendo seu trabalho, sem correr um risco direto de vida.

Segundo Fortes (2012), a Associação segue o molde de outras que já existem em outros países, como, Estados Unidos e as Filipinas. Conforme cita o autor, a mesma possui um sistema virtual, de troca de informações e divulgação de notícias centradas no modelo do jornalismo investigativo, tendo como objetivo, incentivar e fortalecer as investigações jornalísticas (FORTES, 2012, p.94). Outro objetivo, é disseminar o assunto entre jornalistas e estudantes de comunicação, para isso, ela mantém fóruns abertos para discussão constante do tema.

Fortes (2012) é um dos autores que mais defende o jornalismo investigativo atual, mas outros autores discordam do significado dado pela palavra, dizendo que, todo o jornalismo é investigativo. Esta discussão é abordada no subcapítulo a seguir.

### 3.1 Jornalismo Investigativo: o Formato

O tema jornalismo investigativo é debatido no meio jornalístico e acadêmico desde o seu surgimento, mas este vem se intensificando, principalmente, com a chegada da internet nos veículos de comunicação, que se tornaram multimídia, com profissionais que trabalham em diversas áreas, e praticamente, ao mesmo tempo. Duas correntes, atualmente, falam diretamente do trabalho considerado, como jornalismo investigativo, principalmente no Brasil.

A primeira, é conhecida muito pelo trabalho do professor e autor Dirceu Fernandes Lopes (2003), no livro *Jornalismo Investigativo* que teve a organização de José Luiz Proença. O autor traz em seu livro, que todo o jornalismo é investigativo, é como qualquer outro jornalismo, que apura o fato e traz a informação, mesmo sem ter uma grande profundidade, o repórter pratica uma ciência de, pesquisar ou investigar sobre a informação. Lopes (2003) se baseou em uma pesquisa feita com jornalistas junto a estudantes, de Mestrado e Doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que entrevistaram diversos profissionais, que trabalharam diretamente com este formato de jornalismo.

Lopes e Proença (2003) encontraram na pesquisa uma diferença muito pequena do jornalismo cotidiano para o jornalismo investigativo. Todos os entrevistados destacaram que os pontos mais importantes eram sua rotina produtiva, mas poucos negam o formato em questão. Um dos entrevistados, citado por Lopes e Proença (2003), fala que acredita que essa divisão entre jornalismo tradicional e o investigativo não deveria existir, afinal, todo o jornalismo deve ser investigativo. Ideia defendida pelo autor Ricardo Kotscho (2001), que diz que jornalismo é uma novidade, uma história que ninguém contou. Para o autor, nada pode ser feito sem investigação ou apuração.

No livro de Lopes e Proença (2003), o jornalista Bob Fernandes defende que todo o jornalismo investiga e apura, e que a expressão seria um instrumento de *marketing*. “Acho pernóstico dizer jornalismo investigativo.” (LOPES e PROENÇA *apud* FERNANDES, 2003 p.74). Algo que é contestado também pelo jornalista Roberto Cabrini, que defende o jornalismo investigativo, mas questiona o significado da palavra “O termo não é redundante? Todo jornalismo não deveria ser investigativo?” (LOPES e PROENÇA *apud* CABRINI, 2003, p. 154).

É importante destacar que, apesar do discurso se assemelhar, a maioria dos entrevistados no livro de Lopes e Proença (2003) confere uma maior ênfase no quesito que

o profissional do jornalismo, deve sempre primar pelo preparo de uma investigação, através da checagem das informações, para o início de uma reportagem.

A segunda corrente do Jornalismo Investigativo é liderada pelos autores Leandro Fortes (2012) e Cleofé Monteiro Sequeira (2005), que defendem o formato de jornalismo investigativo como único, e que não pode ser comparado ao jornalismo do cotidiano. Fortes (2012), traz uma visão mais abrangente e atual do formato praticado no jornalismo investigativo atualmente, que se consolidou com seus próprios métodos, sendo considerado diferentemente, de qualquer outro, principalmente, do jornalismo *Hard News*<sup>5</sup>. Para o autor, a mudança no tempo e no modo de trabalhar, se deve ao surgimento da Internet e sua chegada às redações, de todos os veículos de comunicação do mundo.

Um referencial acadêmico mais atual é o livro *Os Escribas: Definições de jornalismo Investigativo* escrito por Solano Nascimento (2010). Solano rebate a ideia que jornalismo investigativo é um termo redundante com um exemplo fictício.

(...) o ministro da Agricultura concede às 18 horas uma entrevista coletiva e diz qual é a previsão para a próxima safra de grãos. Um repórter de um grande jornal deixa a coletiva às pressas e corre para o seu computador, pois para conseguir que a matéria saia na edição nacional do jornal no dia seguinte precisa entregar o texto às 19h. Com 30 minutos para a tarefa. O repórter não tem tempo para telefonar a outras fontes, fazer pesquisa ou repercutir a informação dada pelo ministro, mas mesmo assim produz uma reportagem; (NASCIMENTO, 2010, p.2).

Com este exemplo Nascimento (2010) defende que todo o jornalismo é investigativo e, caso não seja, não é jornalismo. O repórter se publicar esta matéria sobre a coletiva, não estaria fazendo jornalismo. “Pensando assim, seria necessário concluir que quase 100% das matérias publicadas todos os dias pelos jornais e veiculadas no rádio e na televisão não são matérias jornalísticas. (NASCIMENTO, 2010, p.2).

Em seu livro Nascimento (2010) afirma que é possível definir o jornalismo investigativo pelo tema que este aborda. Nascimento (2010) dá o exemplo de Silvio Waisbord (2010), pesquisador argentino que mora nos Estados Unidos e estuda sobre o jornalismo investigativo na América do Sul. O pesquisador destaca que, o “jornalismo é marcado pela busca de irregularidades, envolvendo, pessoas do governo e autoridades atualmente” (WAISBORD *apud* NASCIMENTO, 2010, p. 02).

---

<sup>5</sup> Hard News: é o relato objetivo de fatos relevantes para a vida política, econômica e cotidiana conteúdo, as Hard News tratam de temas relevantes para o interesse público (BRONOSKI. BARRETTA. CERVI- online-2010).

Nascimento (2010) fala que outra característica no estudo de Waisbord (2010) é que “todo o jornalismo investigativo deve mostrar uma denúncia que provoque surpresa e revolta no público”, (WAISBORD *apud* NASCIMENTO.2010, p. 04). O autor traz também algumas definições que se apresentam como um pré-requisito para o jornalismo investigativo, elaboradas pela jornalista Lucinda Fleeson que apresenta características que tornam uma reportagem tradicional em uma reportagem investigativa. FLEESON *apud* NASCIMENTO (2010) destaca como primeira característica, o fato da reportagem contar com um trabalho original do repórter, sem ter ligação com qualquer autoridade.

O autor relembra que quase vinte anos depois das características apresentadas por FLEESON *apud* NASCIMENTO (2010), a (IRE) sigla em inglês *Investigative Reporters and Editors*, reuniu cerca de 3 mil jornalistas americanos, para listar os requisitos para uma reportagem ser considerada investigativa. O grupo chegou à conclusão que, primeiro a investigação deve ser trabalho do repórter, não uma reportagem sobre uma investigação feita por outra pessoa, segundo, o tema da reportagem deve ser relativamente importante ao público leitor ou espectador e terceiro, o assunto deve ser algo que esteja sendo escondido do público. (NASCIMENTO, 2010, p.6)

Fortes (2012, p.35) diz que o jornalismo investigativo é “algo mais complexo, trabalhoso e que exige talento, tempo, dinheiro, paciência, sorte e riqueza de detalhes”. (FORTES, 2012, p.35). Ele diferencia o jornalismo investigativo de uma notícia diária, a partir das circunstâncias mais complexas, por exemplo, fatos e sua extensão noticiosa além, do tempo de duração, pois, o para o autor, a reportagem investigativa precisa ter um tempo maior, pois é exercida sobre uma maior pressão.

Essas circunstâncias fortaleceram muito as possibilidades de se contar bem uma história, de modo a garantir que a graça e a beleza de um texto não prescindam, necessariamente, da obrigação da objetividade, uma aproximação crescente do jornalismo com a sistemática do conhecimento científico – coleta, análise de dados e busca disciplinada pela verdade. (FORTES, 2012, p.31)

Para falar de reportagem, a autora Thais de Mendonça Jorge (2010, p.70) afirma que reportagem investigativa é uma notícia ampliada. Para autora, a notícia seria o ponto de partida para a reportagem. “Se não for assim, a reportagem deixa de integrar o gênero noticioso e, passa a se situar no terreno da opinião, virando crônica, ensaio ou resenha”. (JORGE,2010, p.70)

Quesada (2005) explica que a diferença do fazer jornalismo investigativo e jornalismo factual não está no texto ou na composição gráfica e sim, “na estratégia adotada pelo jornalista investigativo, que não se limita a informar uma notícia factual, mas, denunciar situações que prejudicam a sociedade”. (SEQUEIRA *apud* QUESADA, 2005, p.74).

Após destacar as duas correntes a favor e contra o uso do termo de jornalismo investigativo, é possível chegar a conclusão que o formato de jornalismo investigativo é diferente do jornalismo *Hard News*. O mesmo se mostra um modelo respeitado e que tem seu próprio formato, mas ainda, é preciso descobrir suas características. É o que esta pesquisa trata a seguir.

### **3.2 Classificações do Jornalismo Investigativo**

Segundo Nascimento (2010) as características que mais podem descrever o jornalismo investigativo atual estão no livro *Os elementos do jornalismo* dos norte-americanos Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003), que foi produzido com a participação de cerca de 3 mil pessoas em 21 discussões, dados que fazem com que esta classificação seja peculiar e interessante para o jornalismo em relação a investigação.

Rosenstiel e Kovach (2003), chegaram à conclusão que, a reportagem investigativa se divide em três formas: Reportagem Investigativa original, Reportagem Investigativa Interpretativa e Reportagem Investigativa sobre Investigação.

O primeiro modelo é a reportagem investigativa, considerada como o clássico de jornalismo investigativo. Aqui, o repórter se envolve na descoberta e, no levantamento da documentação que, até aquele momento, é desconhecida de órgãos públicos. Neste modelo, há um trabalho do jornalista muito semelhante ao do policial. Destaca-se que o assunto ainda não é conhecido do público, mas, é um assunto relevante para o mesmo (ROSENSTIEL, KOVACH, 2003, p.52).

O segundo modelo, ou forma de reportagem, que os autores destacam, é a Investigativa Interpretativa. A principal diferença em relato para a primeira, é que esta, não trata apenas de fatos completamente desconhecidos, mas sim, uma ligação de algo novo com algo que já é de conhecimento público. Neste modelo, o público conhece alguns fatos e o repórter muitas vezes trabalha junto a polícia, descobrindo, novidades que ainda não são conhecidas naquele caso, para que se atinja o objetivo é necessário familiarizar-se, com

assunto ouvindo fontes secundárias para adicionar novas informações aquelas já conhecidas (ROSENSTIEL, KOVACH,2003, p.52).

O último modelo apresentado por Rosenstiel, Kovach (2003, p.52), é quando, na prática a investigação, deixa de ser apenas uma forma de apuração, na reportagem. Estas são matérias jornalísticas que se dedicam ao acompanhamento de investigações em andamento, conhecidas como, o jornalismo sobre investigação. Neste último modelo, o repórter não faz qualquer trabalho investigativo, ele se baseia em informações dadas por órgãos públicos, o mesmo, faz apenas uma cobertura do caso, através destes dados é necessário que o repórter, para acompanhar as informações dedique –se um tempo maior, para que divulgue a informação precisa na matéria. (ROSENSTIEL, KOVACH,2003, p.52).

No Brasil a FENAJ (Federação Nacional dos Jornalistas), divulgou um manual de jornalismo investigativo, em seu site, escrito pelo jornalista Mark Lee Hunter (2013), a pedido da UNESCO, que apresenta diversas orientações aos jornalistas investigativos, fazendo uma comparação com o jornalismo *Hard News*. O modelo de comparação entre o jornalismo investigativo e o convencional, apresentado por Hunter (2013) em seu manual encontra-se no (anexo V), deste trabalho.

Até este momento, já foi possível perceber em qual gênero se enquadra o jornalismo investigativo confirmar sua existência como único e suas diferenças em relação ao jornalismo praticado diariamente nas redações, além das suas características. No próximo subcapítulo, aborda-se sobre este formato na televisão e casos que se tornaram um marco divisor no trabalho arriscado de jornalistas investigativos.

### **3.3 Jornalismo Investigativo na TV**

Apesar da chegada da televisão, na década de 1950, o jornalismo investigativo só chegou às telinhas no final da década de 1980, mais precisamente em 1986, na extinta TV Manchete de São Paulo, com o programa “Documento Especial”, muito semelhante ao *Globo Repórter*, criado pela TV Globo no final da década de 1970, com um perfil de documentário já aprofundando a informação. Segundo a autora Valquíria Passo (2008), o programa da Tupi, é considerado o primeiro em jornalismo investigativo, devido sua linguagem e seu formato de abordar a notícia, com profundidade.

Em agosto de 1973, surge o programa *Fantástico*, com a característica de ser um programa de experimento de novos formatos na televisão, principalmente, de jornalismo. Mais tarde, o programa se tornaria um dos que trariam junto com o Jornal Nacional, o trabalho do Jornalismo Investigativo como, relevância para a Televisão.

Com duas horas de duração, o programa se tornou um espaço para a experimentação de novas linguagens e formatos, que reúne jornalismo e entretenimento, com viés para reportagens investigativas e denúncias, mas também com temas mais leves como humor, dramaturgia, documentários, música e ciência. (MEMÓRIA GLOBO,2014, p.56)

No início da década de 90, a internet chega mais ativamente nas redações jornalísticas do Brasil, e todas as reportagens que passavam por uma verdadeira investigação, passaram a ser apenas uma checagem de informação. Fortes (2012), defende este momento como um divisor de águas no jornalismo investigativo, onde, as reportagens, para este seguimento, passaram a ter profissionais exclusivos que tinham mais tempo para elaborar a informação e cobrir o fato.

Foi neste período, que nomes do jornalismo investigativo, começaram a surgir na TV, como, Eduardo Faustini, Tim Lopes e Marcelo Rezende, Roberto Cabrini, Caco Barcelos, Cristina Guimarães, entre outros.

O jornalista Caco Barcellos, passou a fazer um jornalismo investigativo até então, com algumas características ímpares, que valem ser destacadas. Barcellos é gaúcho de Porto Alegre, onde iniciou sua carreira no jornal Folha da Manhã, seguindo para revista *IstoÉ*, *Veja*, *Senhor e na TV Guia da editora Abril*, chegou na Globo em 1985, mas colocou em prática seu método na década de 1990.

Moura (2008), após uma análise da documentação que o jornalista ocupou para fazer o livro *Rota 66*, além de entrevistas com o mesmo, traz o método de Barcelos que foi seguido por Marcelo Rezende, Roberto Cabrini, entre outros na televisão que trabalham com o jornalismo investigativo e mostram seus rostos.

No caso de Rota 66, pelas anotações do caderno, percebe-se que o jornalista é um interlocutor do seu próprio processo. A recepção de seu pensamento vem em forma de providências e notas a serem, tomadas, tais como colocar cartas no correio, fazer pesquisas no jornal Notícias Populares e entrevistar um dos policiais envolvidos na matança; (MOURA, 2008, p.62).

Este modelo de Caco Barcelos, destacado pela autora Sandra Moura (2008), após sua análise, se caracteriza como um jornalismo investigativo que expõe a visão do

jornalista sobre o fato sem equipamentos como a câmera oculta ou microfone oculto, apenas com anotações e documentos. Esta seria a principal diferença do jornalismo com câmera oculta, que busca sempre o momento do flagrante para o jornalismo investigativo de opinião de Barcellos, que se baseia em dados.

Nos dias de hoje, não se pode mais levantar o tema Jornalismo Investigativo sem falar do Caso Tim Lopes, jornalista da TV Globo, ganhador do prêmio Esso de Jornalismo em 2001, que morreu neste mesmo ano, assassinado por traficantes enquanto fazia uma reportagem investigativa. O subcapítulo a seguir trata do caso, os erros e acertos e as mudanças do jornalismo investigativo, posteriormente.

### 3.4 Caso Tim Lopes

Segundo Fortes (2012), o chamado Caso Tim Lopes, é absolutamente emblemático, isso porque, envolve um jornalista investigativo clássico. Este caso, segundo Fortes (2012), serviu para mostrar os riscos reais da profissão e abrir uma discussão que era esperada já, há muito tempo.

Tim Lopes levou ao ar pelo *Jornal Nacional* da TV Globo, no dia 8 de agosto de 2001, sua última reportagem intitulada, *Feira das Drogas* na qual, ganhou o prêmio Esso de Jornalismo. Naquele momento, ele chefiava uma das mais fortes equipes de jornalismo investigativo do Brasil, ao lado de grandes nomes, um deles Eduardo Faustini. Segundo Lopes (2003, p.73), “o primeiro e obrigatório passo para entender o Caso Tim Lopes, é dele tirar lições importantes é nunca agregar valor moral ao ato em si, Tim correu o risco que achou que deveria correr”. (LOPES,2003, p.73)

Para Fortes (2012), o conceito em questão, é que em nome da verdade ou da vaidade do jornalista, diversos profissionais mostram-se dispostos a expor sua vida a riscos, com a concordância de dirigentes da redação. Em uma entrevista à repórter Fabiola Ortiz do site *UOL Notícias*, em 16 de julho de 2012, a jornalista investigativa Cristina Guimarães que trabalhou na TV GLOBO em 2001, e era colega de Tim Lopes, fala dos perigos da profissão, e que as emissoras sabiam do perigo, mas não respeitavam o mesmo.

(...) nós sabíamos que a feira de drogas existia. Uma editora do JN (Jornal Nacional) me chamou. Eu até disse que achava muito arriscado, todo mundo sabia que existia e era perigoso. Ela falou, ‘pois, eu quero que você faça duas’. Eu sempre fui um camaleão, qualquer coisa que me pedisse para fazer eu ia fazer. Eu tinha que escolher duas favelas. (GUIMARAES, *apud* ORTIZ, 2011).

Cristina Guimaraes é uma das repórteres que sabe o quanto a imagem é importante na televisão. “Assim como Tim Lopes e Eduardo Faustini que trabalhavam com o sistema de Câmera Oculta para levar imagens de flagrantes em suas reportagens, eu andava com uma, micro câmera sempre escondida. Eu fiz mais de 300 matérias para o Jornal Nacional, de 1995 a 2001”. (GUIMARÃES *apud* ORTIZ, 2011).

A câmera oculta, junto com o microfone e uma profunda investigação é uma das características mais comuns no jornalismo investigativo da televisão brasileira. Segundo um editorial do Instituto Gutenberg (1997), a câmera oculta começou a ser usada nos Estados Unidos que utilizava o equipamento para a espionagem eletrônica. No jornalismo, segundo o editorial, foi utilizada pelo jornal *New New York Daily News* em 1928.

Prenderam uma pequena máquina fotográfica na perna do repórter Thomas Howard Kurtz e ele fez a foto da sentenciada à morte Ruth Snyder no preciso momento em que ela recebia a descarga elétrica, na penitenciária de Sing Sing. O recurso era talhado para a televisão, mas, como as primeiras câmeras, dos anos 40 até 70, eram trambolhos indisfarçáveis, as emissoras limitavam-se a instalá-las em prédios ou camionetas para flagrar a ação nas ruas. A miniaturização dos equipamentos, no final dos anos 80, fez a festa da reportagem oculta, quando a Toshiba e a Elmo passaram a produzir câmeras que podiam ser escondidas num estojo de batom. (GUTENBERG,2015. [www.igutenberg.org](http://www.igutenberg.org)).

No telejornalismo, uma reportagem pode ser “derrubada” devido à falta de imagens, principalmente, no jornalismo investigativo. Por este motivo, o formato deve sempre dispor do máximo de imagens que conseguir, sendo que estas, devem mostrar de forma mais direta o que está acontecendo, sempre preservando a segurança da fonte e a credibilidade do jornalista.

O jornalista, antes de divulgar a informação, deve sempre ir a campo para ter certeza do que se trata como aponta Lopes (2003, p.23). O mesmo deve ter em suas mãos, provas documentais, as quais comprovem a situação, a câmera oculta, junto com microfone, produz estas provas que Lopes (2003) se refere.

O manual de Redação da Rede Globo, chamado (Princípios editoriais das organizações Globo, 2014), traz somente um parágrafo que justifica o uso da câmera oculta utilizada, nas reportagens investigativas exibidas pela emissora. O texto alerta para o uso do equipamento seja precedido de análise pelas chefias imediatas e dos grandes riscos que correrão os jornalistas, caso venham ser descobertos. (PRINCIPIOS EDITORIAIS DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO, 2014).

O uso de micro câmeras e gravadores escondidos, visando à publicação de reportagens, é legítimo se este for o único método capaz de registrar condutas ilícitas, criminosas ou contrárias ao interesse público. Deve ser feito com parcimônia, e em casos de gravidade. Seu uso deve ser precedido da análise, pelas chefias imediatas, dos riscos que correrão os jornalistas caso venham a ser descobertos. A imagem e/ou o áudio de pessoas que não estejam envolvidas diretamente no que estiver sendo denunciado devem ser protegidos. Em seus manuais de redação, os veículos devem estabelecer normas de uso. (PRINCÍPIOS EDITORIAIS DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO,2014).

Segundo Fortes (2012, p.35), “a prática do jornalismo investigativo, não pode ser comparada à cobertura de matérias policiais na televisão, por exemplo posto que o profissional deste gênero, trabalha com informações em estado bruto para lapidá-las à custa de muita checagem e cruzamento de dados e depoimentos, através de diversos objetos como câmeras e microfones ocultos.” (FORTES, 2012, p.35)

Depois da morte do jornalista Tim Lopes, o jornalismo investigativo passou por diversas mudanças e passou a ser regulamentado pela Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), e teve seus profissionais com direitos protegidos e o rumo de suas investigações mudou fortemente para proteger seus profissionais.

No capítulo a seguir, a presente pesquisa inicia seu processo de análise, destacando o método usado e descrevendo três reportagens analisadas. Posteriormente ainda, destaca-se a entrevista com o jornalista Eduardo Faustini, objeto de estudo e seu perfil, traçando uma linha para apontar se houve diferenças e quais são no trabalho do jornalismo investigativo de Eduardo Faustini após 2002, com a morte do jornalista Tim Lopes e a criação da Abraji.

### **3.5 Eduardo Faustini**

O repórter secreto do *Fantástico* em 2015 completa 20 anos no telejornalismo investigativo da TV Globo. A seguir, Faustini fala da sua vida e do seu trabalho em duas entrevistas. O jornalista conta das mudanças que houve no jornalismo investigativo a partir da morte do colega Tim Lopes, como funciona o seu trabalho e qual a principal diferença dele para outros repórteres que, mostram seus rostos.

O repórter sem rosto do *Fantástico*, este é novo apelido que Eduardo Faustini recebeu de seus colegas na TV Globo, mas internamente, ele é chamado como a “Voz de Deus”, apelido revelado pelo jornalista Régis Rösing, em uma entrevista feita com Faustini

ao *UOL Notícias* (2011), quando nos corredores da Globo encontrou Régis. Muito pouco se sabe sobre a vida de Faustini, a não ser seu trabalho no jornalismo investigativo que dura cerca de 40 anos.

Para preservar seu trabalho, Faustini toma alguns cuidados, como não mostrar seu rosto e entrevistas apenas por telefone. Raramente o jornalista concede algo pessoalmente, tudo para manter a segurança de suas próximas matérias e fontes. Segundo uma reportagem publicada no site da 8ª Conferência de Jornalismo Mundial (2013), que aconteceu em 2013, publicada pela repórter Aluiza Cardoso (2013), raramente Faustini vai a congressos, mas, faz questão de assinar seu próprio nome em suas reportagens. “É a única hora em que eu me coloco como cidadão, como jornalista e como profissional”. CARDOSO (2013).

Segundo Faustini, o mesmo não abre mão de usar seu nome verdadeiro nas reportagens, apesar de isso já ter lhe causado diversos problemas, como ser reconhecido em lugares públicos quando apresentou um documento e até na escola da filha, por outro pai, que foi denunciado por ele e suspeito do sobrenome da criança, revelou na entrevista com CARDOSO (2013).

A revista *TRIP*, do site *UOL Notícias*, (2011), conseguiu fazer uma reportagem e uma entrevista com Eduardo Faustini, assinada pelo jornalista Millos Kaizer. Segundo a reportagem, Eduardo Faustini está na TV Globo desde o ano de 1995, onde já foi caminhoneiro, secretário de saúde e de educação, e até defunto para mostrar a realidade de diversas fraudes em sistemas públicos, e a força da criminalidade na década de 1.990 nas favelas cariocas.

Na reportagem, uma foto revela o time do coração do jornalista, o Vasco da Gama, que está em um quadro ao lado de sua mesa de trabalho, no Rio de Janeiro. O jornalista e repórter investigativo, que formou parceria com Eduardo Faustini na década de 1990 e início dos anos 2000, Marcelo Rezende (2013), em seu livro *Corta para mim*, fala com carinho do amigo, que encontrou quando entrou para o jornalismo investigativo na TV. “É um sujeito bem-humorado, trabalha com a mente sempre em dois campos opostos, mas não antagônicos”. (REZENDE, 2013, p.28).

A reportagem coloca que Faustini teria começado sua carreira no extinto jornal, *O Cruzeiro*, mas não divulga a data para segurança do jornalista. O site da Abraji (2012) traz uma informação relevante sobre o currículo de Eduardo Faustini na televisão. Segundo o site, o jornalista passou por diversos veículos de comunicação como, TV Manchete, onde foi um dos produtores do programa *Documento Especial* considerado, o primeiro programa

de jornalismo investigativo na televisão brasileira. Faustini, ainda teve uma passagem pela emissora de Silvio Santos, o SBT e, depois chegou a Rede Globo em 1995.

Segundo o *site* da ABRAJI (2012), em seu currículo consta que ele ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo, Prêmio Líbero Badaró de Telejornalismo, Prêmio Embratel de Imprensa, Menção Especial do Prêmio Instituto Imprensa e Sociedade e da Transparência Internacional Latino Americana e Caribe, menção honrosa do Prêmio Embratel de Imprensa, Prêmio Tributo à Democracia e Liberdade, Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo e o Prêmio Embratel.

Faustini não fala de sua família e nem de sua vida pessoal devido as fortes ameaças que recebe diariamente em seu trabalho. Segundo a reportagem feita por Eloisa Cardoso (2012), o mesmo recebe diariamente, e-mails e telefonemas com ameaças. Para sua proteção, Faustini se desloca sempre em carros blindados e convive com seguranças ao seu lado, além, de usar coletes a prova de balas, tudo a pedido da TV Globo, que coloca à disposição esta proteção para o profissional. “Faustini confessa que muitos de seus colegas têm medo até de almoçar com ele”; (KAIZER. 2011).

Apesar de toda a segurança o jornalista não abre mão de uma coisa, assinar seu próprio nome em todas as reportagens. Questionado por Kaizer (2011) se Eduardo Faustini era nome fictício, o jornalista respondeu que não, e que por causa disso já enfrentou grandes problemas também como ser reconhecido quando apresenta um documento seu em um órgão público.

Ao falar sobre o tipo de reportagem que produz, comparada à que muitos de seus colegas de jornalismo investigativo como Caco Barcellos produzem, Faustini responde:

Eu admiro muito os profissionais que trabalham pela via formal, mostrando a cara, pesquisando documentos oficiais, recorrendo ao Ministério Público... O Caco Barcellos e o Marcos Uchôa, por exemplo, são assim, sou fã deles. Mas eu não trabalho dessa forma. Prefiro resolver a questão em uma filmagem. No dia seguinte, a casa do cara já caiu. (FAUSTINI *apud* KAISER, 2011.)

Questionado sobre a morte de Tim Lopes, o jornalista destaca que, “a morte dele jogou um foco de luz em um trabalho que sempre foi feito na sombra.” (FAUSTINI *apud* KAISER, 2011). Faustini destaca na entrevista que, apesar de triste, a morte de Tim teve um lado bom, uma vez que o jornalismo investigativo melhorou e se tornou um dos melhores do mundo, saindo das sombras e fundado a Abraji. Para Faustini, a morte de Tim

Lopes serviu como uma “tapa na cara” onde, um jornalista teve que pagar com a própria vida, para que todos apreendessem uma lição. (FAUSTINI *apud* KAISER, 2011).

A reportagem destaca também, que segundo Faustini, a morte de Tim Lopes em 2002 marcou o fim da liberdade de entrar nas favelas e comunidades do Rio de Janeiro. Segundo Cardoso (2013), hoje Faustini se recusa a conversar com traficantes e não quer mais entrevistá-los e sim denunciá-los. Para isso, ele utiliza disfarces e câmeras escondidas. “Se tiver que ser um jacaré na beira de um lago, eu me transformo num jacaré. Terei rabo, pele e boca de jacaré” (FAUSTINI *apud* KAISER, 2011).

Faustini fala da amizade com Tim Lopes. Os dois eram do mesmo time, e lembra que, Tim tinha um senso de humor espetacular. Sobre a parte que a TV Globo teria sido inconsequente em deixa-lo subir o morro sozinho, ele fala que é uma afirmação ridícula, pois, é praxe de qualquer emissora e o próprio jornalista é capaz sempre de medir o risco que corre; (FAUSTINI *apud* KAISER, 2011).

Sobre o uso da câmera escondida, o jornalista responde que acredita que a relevância de um fato é sempre mais importante que a infração. “Já tomei diversos processos, mas nenhum me acusando de criminoso. O interesse público é o meu foco. Para mim, ele é mais importante que qualquer lei ou regra de etiqueta.”; (FAUSTINI *apud* KAISER, 2011).

O autor ainda destaca que Faustini revela em suas reportagens além de ter uma resposta, sempre pronta, ele precisa sempre estar atento a questões como enquadramento e o som da câmera, tudo operado por ele ao mesmo tempo. Segundo Faustini, atualmente o trabalho está melhor.

Antigamente eu tinha que carregar uma mala de viagens com um furo para uma filmadora Betacam, um trambolho dentro. Mas, cara, a quantidade de furos de reportagem que já perdi porque essas coisinhas deram pau. Desenvolvi até úlcera gástrica. E é foda porque a grande maioria das matérias não dá para repetir, é tentativa única. Fora isso ainda tem uma leve rixa com o pessoal da engenharia aqui, que exige padrão de qualidade de imagem que nem sempre é possível em certas condições. (FAUSTINI *apud* KAISER, 2011.)

Kaiser (2011) questiona Faustini sobre quando ele pretende se aposentar do jornalismo investigativo. Com risos, o repórter “sem rosto” responde, “Cara, você vai me achar maluco, mas com 80 anos quero trabalhar mais do que nunca. Os equipamentos vão estar mais modernos. Além disso, ninguém suspeita de um idoso. Vou denunciar clínicas, hospitais, médicos... vou botar para quebrar”. (FAUSINI *apud* KAISER, 2011).

Em seus 37 anos de carreira, a televisão se tornou sua maior arma, para fazer o que mais ama a realidade de seu país através, da lente de sua câmera oculta. Eduardo Faustini ganhou respeito pelo seu trabalho, que passou a ser cada vez mais conhecido a partir de 2002, com o início de denúncias envolvendo esquemas políticos. Além de diversos prêmios conquistados, o jornalista tem o respeito de órgãos públicos e tem seu trabalho reconhecido pela Controladoria Geral da União, onde o ministro chefe da controladoria Geral da União, Jorge Hange, que se manifestou na estreia do quadro “ Cadê o dinheiro que tava Aqui” no programa Fantástico na Rede Globo em 2 de novembro de 2014, o jornalismo investigativo feito pelo repórter é considerado como seu parceiro fundamental. Eduardo Faustini viaja desde novembro de 2014, por todo o Brasil, denunciando fraudes em prefeituras em diversas áreas como saúde, educação, transporte entre outros, as reportagens são exibidas aos domingos no programa Fantástico da TV Globo.

## **4 ANÁLISE**

A presente pesquisa apresentará uma Análise das reportagens produzidas pelo jornalista e repórter investigativo Eduardo Faustini, a partir de uma análise de suas reportagens, baseado na hipótese que o jornalismo investigativo de Faustini, mudou seu posicionamento com a chegada do novo século, principalmente após a morte do jornalista Tim Lopes, mas manteve suas características fundamentais de investigação e apuração dos fatos.

### **4.1 Procedimentos metodológicos**

A pesquisa teve como base três reportagens feitas por Eduardo Faustini durante sua carreira e que trazem as características do jornalismo investigativo, citadas em capítulos anteriores deste trabalho por Rosenstiel, Kovach (2003).

Como já dito anteriormente, este estudo busca poder compreender quais as características principais do jornalismo investigativo, partindo da ideia de que houve uma mudança de posicionamento a partir de 2002, analisando o trabalho do Jornalista Eduardo Faustini que produziu conteúdo de jornalismo investigativo para a TV durante antes e depois deste período.

As três reportagens escolhidas seguiram os mesmos critérios de escolha. O primeiro critério foi o processo de investigação feito pelo jornalista Eduardo Faustini. O segundo critério de escolha para as reportagens foi criado percebendo a mudança do jornalismo investigativo, ao longo dos anos. Por este motivo, as três reportagens selecionadas foram produzidas em períodos diferentes e com grande espaço de tempo entre elas, a primeira em 1989, anterior ao Caso Tim Lopes e a criação da Abraji, a segunda, em 2002 e a terceira, em agosto de 2015. O terceiro critério de escolha foram os prêmios que as reportagens receberam e a repercussão das mesmas na mídia e na sociedade, posteriormente sua exibição na televisão.

Destacamos que as emissoras nos quais as reportagens foram exibidas ou programas de televisão, não foram um critério de escolha, para análise desta pesquisa. Pois o trabalho não propõe fazer um comparativo entre dos diferentes veículos, nem seus programas, e sim sobre as características empregadas e suas diferenças com o passar do tempo, analisando principalmente como marco, a morte do jornalista Tim Lopes e a criação da Abraji, as reportagens investigativas, feitas pelo jornalista Eduardo Faustini.

As três reportagens escolhidas foram feitas pelo repórter Eduardo Faustini em três momentos diferentes de sua carreira. A primeira, com uma duração de 26 minutos e 3 segundos, de nome *Guerra Social*, foi ao ar na extinta TV Manchete, em 1989, com objetivo de denunciar uma guerra civil não declarada, que acontecia no Rio de Janeiro e, como viviam os moradores daquele lugar, além de, como os bandidos conseguiam o armamento para comandar favelas cariocas. A reportagem está disponível no Anexo I deste trabalho de pesquisa em DVD.

A segunda reportagem analisada, é intitulada *Corrupção em São Gonçalo*, com 10 minutos e 24 segundos, foi exibida no programa *Fantástico*, da TV GLOBO, mostra o repórter Eduardo Faustini substituindo um secretário de planejamento da prefeitura de São Gonçalo no Rio de Janeiro, durante um mês. Com câmeras e microfones escondidos, o repórter denunciou uma fraude milionária onde fornecedores ofereciam propinas para secretários de diversos municípios, para que fossem beneficiados em compras diretas e licitações da prefeitura. A mesma reportagem está disponível no Anexo I, deste trabalho de pesquisa em DVD.

A terceira reportagem, foi exibida em 02 de agosto de 2015, como parte da série do programa *Fantástico* da TV GLOBO, “*Cadê o dinheiro que tava aqui*”? Entre as reportagens exibidas na série, foi escolhida a intitulada *Prefeitura da cidade do PR, distribui medicamentos vencidos a doentes*. Com 9 minutos e 25 segundos, o jornalista que atuou em parceria com o Ministério Público do Paraná e o Grupo de Combate ao Crime Organizado (Gaeco) de Cascavel, procurou mostrar na reportagem como funcionava o esquema feito pela quadrilha. A mesma reportagem está disponível no Anexo I, deste trabalho de pesquisa em DVD.

Sendo assim, a análise se dá sobre as características do jornalismo investigativo de Rosenstiel e Kovach (2003), que caracterizam o jornalismo investigativo como: Reportagem Investigativa Especial, onde o repórter faz a investigação sozinho; Reportagem Investigativa Interpretativa, onde o jornalista busca trazer algo novo a uma informação já conhecida que pode ter sido investigada por ele ou pela polícia, e acaba contribuindo e ainda, Reportagem sobre Investigação, que é onde o repórter apenas acompanha a investigação feita pela polícia, e baseado nisso, leva os fatos para a reportagem.

Após análise das reportagens, poderemos identificar quais as características mais utilizadas no jornalismo investigativo do repórter Eduardo Faustini e poderemos identificar as características que foram utilizadas nos períodos de produção, desde o início de sua carreira e comprovar a hipótese que houve uma mudança no trabalho investigativo na televisão, após o caso Tim Lopes.

## 4.2 Descrição do *Corpus* das Reportagens

O presente trabalho contou com o *corpus* de análise de três reportagens produzidas pelo jornalista Eduardo Faustini ao longo de sua carreira. As reportagens foram analisadas conforme ordens cronológicas que foram produzidas e exibidas. O *corpus* audiovisual analisado deste projeto somou um total de 46 minutos e 1 segundo e foi observado no mínimo quatro vezes.

### 4.2.1 Guerra Social

A reportagem *Guerra Social* foi ao Ar no dia 02 de dezembro de 1989 na TV Manchete no programa *Documento Especial*, com o tempo de 26 minutos e 02 segundos. A mesma encontra-se descrita na íntegra no Anexo II e em vídeo no anexo I, desta pesquisa.

*Guerra Social*, procura denunciar como funciona o aumento da criminalidade no Rio de Janeiro, a partir das vendas de drogas e do crescimento de grupos de traficantes, no final da década de 80. Com planos gerais<sup>6</sup> de imagens, quase não se preocupando com a qualidade da mesma, o repórter coloca sua vida em risco, por diversas vezes, para mostrar os fatos, seja acompanhando uma operação policial ou através de uma entrevista com um traficante ou miliciano. Outros ângulos de câmera como o plano médio<sup>7</sup> e o de ângulo normal<sup>8</sup>, também são utilizados, mas apenas no momento das entrevistas.

É possível perceber a utilização de efeitos como, a máscara<sup>9</sup>, usada na imagem para esconder a identidade de menores mostrados, mas este se perde em alguns momentos, pois a imagem chega a mostrar um dos jovens sem o efeito. Os gcs<sup>10</sup>, usados também apresentam problemas, um dos entrevistados não chega a aparecer os gcs. O texto da

---

<sup>6</sup> Plano Geral: Com um ângulo visual bem aberto, a câmera revela o cenário à sua frente. A figura humana ocupa espaço muito reduzido na tela. Plano para exteriores ou interiores de grandes proporções. Também chamado, na intimidade, de “Geralção” CUNHA (2013, p.77).

<sup>7</sup> Plano Médio: A figura humana é enquadrada por inteiro, com um pouco de “ar” sobre a cabeça e um pouco de “chão” sob os pés CUNHA (2013, p.54).

<sup>8</sup> Ângulo Normal: Quando a pessoa está no nível dos olhos da pessoa que está sendo filmada. CUNHA (2013, p.64).

<sup>9</sup> Mascara: Efeito técnico usado na hora da edição do vídeo reportagem para esconder a identificação de quem está sendo mostrada METODISTA (<http://jornal.metodista.br>).

<sup>10</sup> Gcs: Gerador de caracteres é usado para identificar quem aparece na tela, para reforçar uma informação do off ou da imagem. METODISTA (<http://jornal.metodista.br>).

narração em *off*<sup>11</sup>, é feito pelo jornalista e também apresentador do programa Roberto Maya. Outra característica que podemos perceber é a falta de trilha usada durante todo o período de exibição, sendo apresentada apenas uma música ao final como trilha.

Apesar de exibir cenas de barbárie, como pessoas sendo queimadas vivas, a reportagem busca uma objetividade, trazendo entrevistas com fontes diversas, opinando sobre o tema denunciado. Ao final o gcs informam que a reportagem foi feita pelo jornalista Eduardo Faustini.

#### 4.2.2 Corrupção em São Gonçalo

A reportagem de nome Corrupção em *São Gonçalo*, foi exibida no programa *Fantástico*, da TV Globo em 21 de abril de 2002, e teve a duração de 10 minutos e 53 segundos. A mesma encontra-se descrita na íntegra no Anexo III, e em vídeo no anexo I, desta pesquisa.

A reportagem analisada, produzida em 2002, destaca-se como algo mais pensado pelo repórter. Durante 30 dias, Eduardo Faustini, desafiou os limites da ética do jornalismo, se passando por um secretário municipal, para mostrar o flagrante de fraudes feitas em licitações, acordadas mediante pagamento de propina.

O período principal da reportagem, cerca de 6 minutos de gravações, são feitos por duas câmeras ocultas, posicionadas estrategicamente, em um ângulo aberto ou plano geral. Em uma sala bem iluminada e com pouco barulho, para que os microfones também escondidos consigam captar o som dos “fraudadores”, como se refere o *off* da reportagem.

Em uma reportagem, que apresenta diversos efeitos, como infográficos e pequenos efeitos de vídeo, que servem para separar, o assunto que será tratado, a mesma também apresenta uma série de imagens de apoio, feitas em diversos ângulos como *plongée*<sup>12</sup> e *contra- plongée*<sup>13</sup>, sendo utilizado até um plano detalhe<sup>14</sup> dos pés do repórter, em certo momento na narração apresentada, todos os gcs destacados no pelo *off* ou entrevistas

<sup>11</sup> Off: termo inglês cujo significado é “desligado” ou “fora”, no jornalismo a palavra se refere a voz do jornalista sem a imagem do mesmo, quando se faz a narração, pode ser conhecido este momento como voz over. Ver mais em fonte online METODISTA (<http://jornal.metodista.br>).

<sup>12</sup> Plano PLONGÉE: (palavra francesa que significa “mergulho”) – quando a câmera está acima do nível dos olhos, voltada para baixo. Também chamada de “câmera alta” CUNHA (2013, p.66).

<sup>13</sup> Contra Plongée: (com o sentido de “contra-mergulho”) – quando a câmera está abaixo do nível dos olhos, voltada para cima. Também chamada de “câmera baixa” CUNHA (2013, p.66).

<sup>14</sup> Plano Detalhe: A câmera enquadra uma parte do rosto ou do corpo (um olho, uma mão, um pé, etc.). Também usado para objetos pequenos, como uma caneta sobre a mesa, um copo, uma caixa de fósforos, etc CUNHA (2013, p.78).

foram apresentados e se mostraram informativos. O *off* ou narração segundo o *gcs* é feito pelo jornalista Celso Freitas, é importante destacar que assim como na primeira, Eduardo Faustini não mostra o rosto, e procura não mostrar a voz.

Ao final, a reportagem procurou todas as pessoas denunciadas, para que estas possam se defender das acusações, frente a uma câmera normal, em plano médio as imagens feitas mostraram, todos negando participar do esquema denunciado ou oferecer dinheiro a servidores públicos em troca de benefícios. *Corrupção em São Gonçalo*, apresentou uma trilha sonora em todos os momentos da reportagem ajudando dar mais emoção e ação cena que estava sendo mostrada. Ao final mesmo com a narração informando o nome de Eduardo Faustini assina a matéria.

#### **4.2.3 Prefeitura de Cidade do PR, distribui medicamentos vencidos a doentes**

A reportagem *Prefeitura de Cidade do Paraná, distribui medicamentos vencidos a doentes*, foi exibida no programa *Fantástico* da TV Globo, em 02 de agosto de 2015, na série “Cadê o dinheiro que tava Aqui”. E teve a duração de 9 minutos e 25 segundos. A mesma encontra-se descrita na íntegra no Anexo IV, e em vídeo no anexo I, desta pesquisa.

A terceira reportagem analisada foi feita para série “Cadê o dinheiro que tava Aqui”, de Eduardo Faustini, no programa *Fantástico*. Na série o jornalista produz diversas reportagens investigativas, por todo o Brasil, para mostrar fraudes, e corrupções em prefeituras e órgãos públicos. Em especial nesta reportagem o mesmo traz a denúncia que a prefeitura da cidade de Ibema, no PR (Paraná), estaria comprando medicamentos vencidos para distribuir para a população doente. Tudo através de um esquema entre funcionários públicos e distribuidoras de medicamentos.

Para denunciar o caso, Faustini contornou com apoio de órgãos de segurança do PR, onde as imagens mostradas na reportagem, inicialmente são foram feitas pelos órgãos de segurança, segundo os *gcs*. O repórter também se utiliza do método da câmera oculta, para gravar os flagrantes, as imagens da mesma são feitas em um plano geral a distância do fato para não colocar o trabalho de órgãos públicos e do repórter em risco. A reportagem também apresenta uma série de efeitos de vídeo, que aparecem junto com legendas para completar afirmação feita no *off*, além de infográficos são usados também, efeitos para mostrar gravações telefônicas e outras prefeituras que também estariam envolvidas no

esquema, são usados efeitos também para mostrar o nome dos envolvidos e o que aconteceu com eles no desdobramento da reportagem.

Para não ser identificado seu rosto e sua voz também são apresentados efeitos no vídeo e no áudio, no momento que o repórter aparece em plano médio. O off da reportagem é feito pelo apresentador do programa *Fantástico* e jornalista Tadeu Shmitt, não há gcs, que apresenta está informação, podemos chegar a está afirmação por comparação da voz do mesmo que faz a cabeça da reportagem<sup>15</sup> inicialmente. Além da preocupação com a qualidade da imagem, destaca-se também nos gcs a quantidade de pessoas para fazer o papel gráfico e infográfico para a reportagem. Destaca-se também o uso de meio primeiro plano<sup>16</sup>, na gravação das entrevistas.

Ao final a reportagem mostra, os denunciados sendo presos, e a narração traz o que aconteceu com cada um e o que o mesmo responderá na justiça. Durante toda a reportagem podemos acompanhar uma trilha sonora, utilizada para dar um maior suspense e emoção na narração, apesar de novamente o *off* destacar que a reportagem é de Eduardo Faustini, o nome do mesmo aparece no final da mesma nos gcs.

### **4.3 Análise das reportagens**

A análise de três reportagens foi desenvolvida a partir de quatro pontos de vista: o primeiro ponto foi o teórico baseado no conhecimento encontrado e produzido por autores e pesquisadores sobre este tema. O segundo ponto foram as condições de trabalho de Faustini durante as reportagens, analisando o equipamento utilizado por ele, os enquadramentos, a edição, etc. O terceiro foi a encenação feita pelo repórter durante as três reportagens, seja se passando por outra pessoa ou procurando não falar ou se movimentar para captar melhor o áudio e a imagem e por fim no quarto ponto o conteúdo desenvolvido em cada reportagem.

Do ponto de vista da discussão teórica apresentada no início deste trabalho, a análise, demonstrou em primeiro lugar que conforme os autores Bill e Kovach e Tom Rosenstiel (2003), todas as reportagens analisadas podem ser consideradas de jornalismo

---

<sup>15</sup> Cabeça da Reportagem, ou cabeça da matéria e também conhecida como cabeça do vt: É a lide da matéria. Quem lê é sempre o apresentador que introduz o assunto da matéria feita pelo repórter. METODISTA (<http://jornal.metodista.br>).

<sup>16</sup> Meio primeiro Plano: A figura humana é enquadrada da cintura para cima. CUNHA (2013, p.82).

investigativo, cada uma se apresenta em um dos modelos apontados pelos autores de reportagem investigativa.

As três reportagens investigativas, analisadas para esta pesquisa, se diferenciam por trazer uma característica que é apresentada por Nascimento (2010), em seu livro analisando o estudo de Waisbord (2010), onde toda reportagem de jornalismo investigativo, deve apresentar uma denúncia, que provoque surpresa e revolta no público”, (WAISBORD apud NASCIMENTO. 2010 p. 04). Característica apresentada em todas as três reportagens.

*Guerra Social* gravada e exibida em 1989, no programa *Documento Especial*, da TV Manchete, apresenta o segundo modelo apontado como característica por Kovach e Rosentiel (2013). Quando o jornalista trabalha em parceria com órgãos públicos para mostrar a denúncia. *Corrupção em São Gonçalo*, produzida e exibida em 2002, no programa *Fantástico* da TV Globo, apresenta como sua característica o primeiro modelo apontado pelos autores, quando o repórter trabalha na investigação, sozinho sem ajuda de órgãos públicos de segurança, destaca-se aqui que apesar do jornalista ter recebido a ajuda do secretário o mesmo da área pública, não se caracteriza como o segundo pois o mesmo não é da área de segurança. E por fim a terceira reportagem analisada *Prefeitura do PR, distribui medicamentos vencidos a doentes*, está dentro do terceiro modelo apresentado por Kovach e Rosentiel (2013), quando o repórter não participa do trabalho investigativo diretamente, ele recebe as informações de órgãos de segurança, e dedica-se um tempo maior de seu tempo para cobrir os fatos apresentados este formato é chamado pelos autores como jornalismo sobre investigação.

#### **4.3.1 Características das Reportagens**

Segundo os autores Sodré e Ferrari (1986), podemos classificar as reportagens feitas na para a televisão em cinco formatos. O primeiro é conhecido como, Reportagem de Fatos, neste modelo a mesma obedece sempre a pirâmide invertida. Nas reportagens para a TV, este modelo aparece geralmente na cobertura de grandes eventos. E se caracteriza por sua objetividade. O segundo formato trazido pelos autores é denominado como, Reportagem Documental, este modelo apresenta as informações, também de maneira objetiva, acompanhado de citações que, completam e esclarecem o assunto tratado, o mais usado nos documentários de televisão em programas como “Globo Repórter e SBT Repórter”. Segundo Sodré e Ferrari (1986), “na maioria dos casos, apoiada em dados que

lhes oferecem fundamentos, adquire um cunho pedagógico e, se pronuncia a respeito do tema em questão” (Sodré e Ferrari, 1986, p.32). O terceiro e quarto, formato de reportagens apresentados pelos autores, destacam-se as reportagens de Conto, que particulariza a ação, escolhendo um personagem, apenas para falar do tema que pretende contar, e Reportagem Crônica, que aparece mais em situações normais do cotidiano, conduzindo a reportagem e o texto de forma reflexiva. Por fim os como seu último modelo os autores classificam o modelo de reportagem de Ação, Segundo Sodré e Ferrari (1986), este é o mais usado devido a seu formato atraente, em que leva aos poucos a exposição dos detalhes, principalmente na TV. Neste formato, segundo os autores, é importante colocar o fato de forma próxima ao expectador, para que o mesmo fique envolvido com visualização das cenas (SODRÉ, FERRARI, 1986, p.34).

Analisando estes formatos destacados pelos autores, Sodré e Ferrari (1986), podemos compreender, que as três reportagens analisadas para esta pesquisa, se encontram no modelo de reportagem de ação, pois estas apresentam um formato atraente para o expectador. Principalmente a reportagem, *Corrupção em São Gonçalo*, exibida em 2002, e *Prefeitura do PR, distribui medicamentos vencidos a doentes*, exibida em 2015. Que além do texto como na primeira reportagem *Guerra Social* exibida em 1989, se utilizam também de efeitos gráficos e áudio, como infográficos e trilhas.

Sodré e Ferrari (1986) lembram que pode ocorrer também, ao contrário em uma reportagem de ação, e esta, conter referências documentais. Este caso, é quando uma reportagem sai de uma notícia mais breve e, pretende ir além da informação conhecida, trazendo detalhes de um fato. Portanto podemos confundir muitas vezes uma reportagem investigativa com uma documental, mas a principal diferença entre as duas, está, em colocar o fato mais próximo com o telespectador sempre, algo que na reportagem documental pode variar com o tema abordado.

Jespers (1998) fala que a reportagem, pode sensibilizar o expectador e chamar atenção para uma questão em potencial, mobilizando o mesmo, de forma rápida para ter uma opinião sobre, aquele tema com a elaboração de bons argumentos do repórter. Jespers, (1998, p.175). Verificando este apontamento do autor, podemos destacar nesta análise, que todas as três reportagens analisadas, apresentam a questão de sensibilizar e chamar o expectador para uma questão em potencial. A diferença que a primeira *Guerra Social* de 1989, procura está sensibilização através de seu texto e de imagens mostrados. Diferentemente *Corrupção em São Gonçalo*, de 2002 e *Prefeitura do PR, distribui medicamentos vencidos a doentes*, de 2015, que além do texto e de imagens, utiliza-se, de

efeitos sonoros, trilhas, gráficos, infográficos, tudo para formar uma opinião expectador no final, conforme destaca Jaspers (1998) como característica em uma reportagem.

Uma forte diferença que podemos destacar nesta pesquisa, analisando as três reportagens, foi também a mudança de tema e foco, após 2002, onde se tem como marcos divisórios no jornalismo investigativo para autores como Fortes (2012) e Sequeira (2005), a morte do jornalista Tim Lopes e a criação da Abraji. Faustini que trabalhou por muitos anos ao lado de Tim, procurou abordar, em suas reportagens a partir de 2002 temas mais voltados a denúncia a corrupções políticas, mudando seu foco como vemos na reportagem analisada intitulada *Guerra Social* de 1989, quando o mesmo arriscava sua vida conversando com traficantes diretamente. Durante a entrevista dada a KAISER (2011) o mesmo admite que não negocia mais traficantes, ou faz qualquer outro tipo de ação, que possa arriscar sua vida diretamente.

Está mudança de tema nas reportagens, em que Faustini para de denunciar traficantes e quadrilhas em suas reportagens e passa a mostrar esquemas políticos, fez com que repórter, também mudasse seu método de trabalho, para utilizar cada vez mais a câmera oculta, e está ficando cada vez mais evidente em suas reportagens, mudando o foco que era sobre a denúncia feita para também o flagrante a ser mostrado.

#### **4.3.2 Produção das Reportagens**

Sebastião Squirra (1993) destaca que o processo de produção de uma reportagem requer muita “atenção, pesquisa, checagem e muito profissionalismo da parte de todos os envolvidos no processo” (Squirra, 1993, p. 84). O autor destaca, que estas regras devem ser seguidas pois a reportagem, transmite a notícia de forma mais detalhada, e por este motivo demanda um maior cuidado na produção.

Baseado no conhecimento trazido por SQUIRRA (1993), verificamos que as três reportagens demoraram certo tempo para serem produzidas pelos profissionais antes de sua exibição. Em “*Guerra Social*” a informação é percebida quando analisamos o *off*, que as imagens de uma ação policial exibidas, foram feitas em 13 de novembro, a reportagem foi exibida em 02 de dezembro de 1989, ou seja, quase 30 dias de diferença. Na segunda reportagem analisada, “*Corrupção em São Gonçalo*”, o *off* também destaca que o jornalista, se passou por secretário da prefeitura, durante um mês para poder fazer imagens que apresentassem o flagrante da denúncia. A terceira reportagem analisada “*Prefeitura da*

*cidade do PR distribui medicamentos vencidos a doentes*”, o tempo de investigação que a reportagem acompanhou também pode ser percebido quando no início das imagens feitas por câmeras ocultas é revelado que foram gravadas em maio de 2015. Segundo o site da Globo (g1.globo.com), a reportagem foi exibida em 05 de agosto de 2015, ou seja, quatro meses de um processo que passou por investigação, apuração, edição e finalização. Tempo e cuidado apontados como necessários por Squirra (1993) em seu livro. Algo que é também lembrado pelos autores, Kovach e Rosentiel (2013), que além de tempo para desenvolver o jornalismo investigativo, o repórter deve verificar se há disponibilidade técnica.

Podemos destacar que a questão do tempo para produzir a reportagem foi outra característica que sofreu uma mudança a partir de 2002, ano que considerado pelos autores Sequeira (2005) e Fortes (2002) como marcos no jornalismo investigativo, com a criação da Abraji, e a morte do jornalista Tim Lopes. Segundo Fortes (2012) o jornalista sofria pressão de sua empresa, fazendo com que o mesmo corresse contra o tempo para elaborar a reportagem, colocando sua vida em risco para entregar a tempo o material a tempo.

#### **4.3.3 Técnica: o segredo das reportagens investigativas**

Souza (2004) traz que a reportagem na televisão é usada principalmente no meio do telejornalismo, com uma duração menor. Mas ao contrário da reportagem convencional a reportagem investigativa possui características do gênero de documentário, que é uma reportagem que segundo o autor apresenta um maior tempo de acabamento, e por sua vez também apresenta um maior tempo de exibição.

O autor ainda destaca que apesar de aparentar as características do gênero de documentário, a mesma pertence mesmo ao gênero informativo, uma vez que segundo Souza (2004) apresenta características específicas, “como a utilização da câmera oculta e a busca pelo flagrante” (Souza, 2004, p,45). Ele salienta ainda que a técnica empregada pelo repórter, quando se passa por um personagem ou utiliza a câmera oculta, além do tempo de apuração, produção e investigação é o que diferencia este processo de qualquer outro dentro do jornalismo. (SOUZA, 2004, p,45).

Baseado ainda no que Carvalho (2010) traz sobre reportagem, é possível caracterizar as três reportagens analisadas, como sendo Reportagem Especial, baseando-se no que autor nos diz, sobre reportagens de jornalismo investigativo, pois para o autor a

reportagem especial se enquadra em uma matéria que demandou de um maior tempo e apresentou ferramentas presentes em um documentário, como uma maior argumentação em seu texto por exemplo. Para Carvalho (2010), o que torna uma reportagem especial e investigativa é o seu tratamento. “Ela nos permite aprofundar assuntos de interesse público, que podem estar retratados em uma única reportagem ou série” (CARVALHO, 2010, p.84).

Após consultar os autores analisando as reportagens deste trabalho, foi possível chegar a definição que cada uma utiliza-se de técnicas específicas para o jornalismo investigativo. *Guerra Social produzida em 1989*, busca sempre em suas imagens e depoimentos como sua técnica. Já quando passamos analisar, *Corrupção em São Gonçalo de 2002*, e *Prefeitura do PR, distribui medicamentos vencidos a doentes de 2015*, percebemos mais fortemente a utilização da técnica do repórter ao utilizar a câmera oculta para buscar o flagrante e quando percebemos a informação no off, do tempo que a mesma demorou para ficar pronta para ser exibida.

#### 4.3.4 Técnica das Reportagens

Analisando as três reportagens e sabendo que a primeira *Guerra Social* foi produzida em 1989, a segunda *Corrupção em São Gonçalo*, produzida e exibida em 2002, marco do jornalismo investigativo por autores como Fortes (2012) e Sequeira (2005), e a terceira *Prefeitura do Paraná distribui medicamentos vencidos a doentes*, constata-se que na reportagem investigativa de Eduardo Faustini, um dos conceitos que mais sofreu mudanças foi a técnica. Para tal constatação, utilizamos dos ensinamentos de Quesada (2005) que explica que a diferença do fazer jornalismo investigativo e jornalismo factual não está no texto ou na composição gráfica e sim, “na estratégia adotada pelo jornalista investigativo, que não se limita a informar uma notícia factual, mas, denunciar situações que prejudicam a sociedade”. (QUESADA apud SEQUEIRA, 2005, p.74).

Esta estratégia, como destaca o autor, é a técnica utilizada pelo jornalista investigativo, como o uso de equipamentos modernos como a câmera oculta, que percebesse claramente seu uso para mostrar os flagrantes na segunda reportagem analisada, *Corrupção em São Gonçalo de 2002* e *Prefeitura do Paraná distribui medicamentos vencidos a doentes*.

Outro ponto desta técnica que sofreu alterações com o tempo, percebe-se quando acompanhamos a primeira reportagem *Guerra Social* de 1989, e após qualquer uma das outras duas analisadas produzidas após 2002, é a sintetização e objetividade do texto apresentado na narração, fazendo com que o mesmo fique mais claro para o expectador sendo complementado em *Corrupção de São Gonçalo* de 2002 e *Prefeitura do Paraná distribui medicamentos a doentes* de 2015, com efeitos de vídeo e utilização de infográficos nas imagens. Diferenças que quando comparadas entre a primeira, segunda e terceira podem ser claramente percebidas, pois em 1989 os efeitos gráficos e dificuldade em fazer o flagrante eram muito mais difíceis para o profissional do jornalismo investigativo.

Outro ponto da técnica de finalização de uma reportagem é a utilização de trilha sonora. Quando analisamos a reportagem *Guerra Social* de 1989, não percebemos durante seu desdobramento a utilização do efeito sonoro, este aparece apenas no final da reportagem em formato de música. Mas quando passamos analisar as reportagens de 2002 e 2015 percebemos a utilização da trilha sonora, a todo o momento, acompanhando as emoções do texto, trazida pela narração, e argumentação da reportagem. Para Fortes (2012), a trilha juntamente com a forte argumentação e o tempo de preparação é uma das diferenças fundamentais na reportagem investigativa.

Outra diferença que vale apontar da primeira reportagem de 1989 para a segunda reportagem de 2002, e temos a confirmação desta mudança e consolidação deste modelo quando observamos a terceira reportagem de 2015, é que o jornalista Eduardo Faustini, além de passar a mostrar o flagrante, não coloca sua vida diretamente em perigo para denunciar o fato.

Ao analisar a reportagem *Guerra Social* de 1989, o jornalista é ameaçado de morte durante uma entrevista com traficantes, segundo o *off* é alvo de tiros e fica no meio de um tiroteio, tudo para mostrar o fato. Com a criação da Abraji em 2002, e a morte do jornalista Tim Lopes, considerado por Fortes (2012) e Sequeira (2005), marcos do jornalismo investigativo, o jornalista investigativo mudou sua técnica para não colocar sua vida diretamente em risco, se utilizando claramente do processo da câmera oculta, possível de perceber bem mais ativo na segunda reportagem *Corrupção em São Gonçalo* de 2002 e confirmado na terceira reportagem *Prefeitura do Paraná distribui medicamentos vencidos a doentes* de 2015.

Comparando a primeira e a segunda reportagem analisada, percebe-se que o flagrante que já era buscado desde do final de 1989, colocando o profissional em risco

muitas vezes, é mostrado de uma forma mais segura, com ajuda de materiais e suporte a partir de 2002.

Outro aspecto que vem a ser utilizado na segunda reportagem analisada, *Corrupção em São Gonçalo e Prefeitura de cidade do PR, distribui medicamentos vencidos a doentes*, é o uso do flagrante, que é mostrado com mais clareza ao expectador. Diferentemente de *Guerra Social*, que se baseia apenas em argumentos para denunciar os fatos, como a doação de dinheiro do tráfico para creches, *Corrupção em São Gonçalo* mostra o oferecimento de propina, e *Prefeitura de cidade do PR, distribui medicamentos vencidos doentes*, mostra o momento que eram recolhidos os medicamentos vencidos nas distribuidoras.

A terceira reportagem analisada, feita para uma série de reportagens investigativas do programa *Fantástico* e apresentada em agosto de 2015, intitulada “*Prefeitura do Paraná, distribui medicamentos vencidos*”, traz a volta de um conceito apontado Kovach e Rosentiel (2013). Segundo os autores como seu terceiro modelo, o jornalismo investigativo pode ser feito também em parceria com órgãos de segurança, sendo que o jornalista não participa diretamente da investigação, mas traz os fatos para conhecimento do público em geral. Este modelo é conhecido como jornalismo sobre investigação e está presente com clareza na terceira reportagem analisada, quando aparece o trabalho da polícia junto com o jornalista. Um aspecto que foi utilizado em 1989 na reportagem *Guerra Social*, que também trouxe novas denúncias, mas o jornalista trabalhou junto com órgãos de segurança para mostrar o fato, e não foi percebido em *Corrupção em Gonçalo* de 2002. Portanto este é um ponto que foi resgatado pelo jornalista.

Outra característica técnica que podemos destacar após análise, para esta pesquisa é a produção de conteúdo e o filtro mais técnico e menos sensacionalista. Praticamente deixou-se de exibir a partir de 2002 cenas de barbárie vistas na reportagem, *Guerra Social* de 1989, como pessoas sendo queimadas vivas, corpos de pessoas mortas entre outras atrocidades, que não são mostradas nas reportagens investigativas no novo século. Este modelo sensacionalista de argumentação foi substituído por um modelo mais prático, asséptico e objetivo para o expectador, onde a argumentação do *off* não é baseada apenas em imagens como na primeira, mas também na utilização de gráficos por exemplo.

A utilização da trilha sonora também sofreu mudanças com o tempo, quase não empregada na primeira reportagem *Guerra Social de 1989*, a partir da segunda *Corrupção em São Gonçalo* de 2002, e na terceira reportagem analisada, *Prefeitura de cidade do PR, distribui medicamentos vencidos a doentes* de 2015, a trilha se torna parte a todo o

momento. Neste item deixou de ser utilizado a trilha musical como é feito no final da mesma, em que a letra da música faz uma crítica ao que está acontecendo a sociedade, e passou a utilizar apenas como fundo uma melodia sem letra.

Por fim desta análise, é possível destacar novamente o fato fundamental neste novo modelo de jornalismo investigativo iniciado a partir do marco considerado pelos autores Fortes (2012) e Sequeira (2005): a morte do jornalista Tim Lopes e criação da Abraji em 2002, o uso da câmera oculta. Avaliando as três reportagens percebe-se que o fato de mostrar o flagrante se tornou o principal momento da reportagem investigativa após o marco apontado pelos autores acima, sendo este mostrado por um maior tempo na reportagem, e feito com ajuda de equipamentos modernos como a câmera oculta. Posicionada em diversos ângulos a mesma dá capacidade para o jornalista mostrar como o processo de que está sendo denunciado acontece realmente. A técnica conhecida do flagrante do fato é utilizada por Faustini em duas reportagens analisadas. A primeira em *Corrupção em São Gonçalo* e a segunda em *Prefeitura do Paraná distribui medicamentos vencidos a doentes*, de forma clara.

Este modelo também permitiu que o repórter não colocasse sua vida em risco mais diretamente e conseguisse apresentar mais detalhes da denúncia em questão, não colocando dúvidas sobre o que está sendo mostrado. Tudo graças ao processo da câmera oculta que vem se popularizando com o aumento da tecnologia por diversos profissionais do jornalismo investigativo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise de conteúdo de três reportagens produzidas pelo jornalista Eduardo Faustini, feitas durante sua carreira de jornalista investigativo na televisão, sendo a primeira em 1989 na TV Manchete para o programa *Documento Especial* chamada *Guerra Social* a segunda em 2002 exibida no programa *Fantástico* da TV Globo intitulada *Corrupção em São Gonçalo*, e a última também exibida no programa *Fantástico* em agosto de 2015, feita para a série “Cadê o dinheiro que tava aqui” intitulada *Prefeitura da cidade do PR distribui medicamentos vencidos a doentes* e analisando seu trabalho através de sua biografia, construída por entrevistas dadas durante sua carreira, podemos destacar que o jornalismo investigativo de Eduardo Faustini sofreu mudanças importantes no período analisado.

Ao analisar as três reportagens investigativas nota-se que o trabalho do profissional segue características próprias como falar o mínimo possível e não mostrar o rosto, mas no período analisado, mudou seu foco para histórias que possam apresentar uma resolução do caso mostrado no final da reportagem. Também simplificou as denúncias com ajuda de gráficos e efeitos de imagem, recursos permitidos com a evolução tecnológica. É importante destacar a utilização de câmeras ocultas para o trabalho do mesmo, pois com ela o repórter também passou a focar no flagrante. Como destacamos na análise, na primeira reportagem não temos um flagrante como nas outras duas, graças ao uso da câmera oculta que também contribui para a segurança do profissional.

Podemos compreender o motivo pelo qual Eduardo Faustini procura não mostrar seu rosto e se manter no anonimato, assim o mesmo pode continuar mantendo esta característica de captar o momento do flagrante sem ser reconhecido, pois sabemos que a atitude do denunciado não seria a mesma se soubesse que estava sendo filmado. Viver sobre ameaças inclusive para sua família já é rotina para o repórter que completa em 2015, vinte anos apenas na TV Globo, e mais tem mais de 30 anos, atuando em jornalismo investigativo. Portanto, não mostrar o rosto é também um motivo de segurança para este, que vive no anonimato, mas é reconhecido pelo nome, que assina nas reportagens.

O uso de objetos como a câmera oculta passaram a fazer parte cada vez mais do processo de investigação deste formato de jornalismo, para o jornalista isso torna legítimo no momento que é utilizado para mostrar a denúncia e o flagrante.

Partindo da análise das três reportagens, podemos destacar que as reportagens feitas por Eduardo Faustini desenvolvem propósito social, uma vez que as denúncias feitas

abrangem temas que são desconhecidos do público em geral, e que após o fato mostrado são apuradas e corrigidas, fazendo com que aquelas pessoas que são vítimas ou que sofrem devido aquela fraude, possam não ter mais este problema.

Percebe-se que a emissora e o profissional procuram sempre manter a reportagem como um serviço para a população e informar que ali um crime está sendo cometido, para que a reportagem não seja caracterizada como sensacionalista.

A terceira reportagem que compôs o *corpus* de análise deste estudo faz parte da série que ainda está em andamento. Através dela o repórter recebeu prêmios como o “Botequim Cultural” na categoria melhor reportagem telejornalismo, 14º Prêmio Imprensa Embratel, além do reconhecimento de seu trabalho. O presente trabalho sugere para futuro estudiosos desta área continuarem analisando o trabalho feito pelo jornalista nesta série de reportagens, e sua influência na sociedade de forma responsável.

Partindo dos fatores propostos para esta pesquisa, onde o objetivo era demonstrar características das reportagens do jornalista Eduardo Faustini, podemos destacar o momento do flagrante que passou a ser utilizado com a ajuda da câmera oculta, além do processo de mudança tecnológica, onde as reportagens passaram a ter uma maior utilização de gráficos e efeitos, assim como o foco do processo de investigação, de sair de traficantes e para focar em problemas de corrupção política.

Após apresentar as características em seus períodos e compará-las, podemos apontar que houve uma mudança no trabalho de Eduardo Faustini, feita para melhorar o acesso do expectador a informação e apresentar mais segurança ao jornalista investigativo.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo Interpretativo*. São Paulo: Sulina, 1976.
- BURGH, Hugo de. *Jornalismo Investigativo: Contexto e Prática*. São Paulo. Roca. 2008.
- CARVALHO, Alexandre. DIAMANTE, Fabio; BRUNIERA, Thiago; UTSCHE, Sérgio (Orgs) *Reportagem em TV*. São Paulo. Contexto.2010
- CUNHA, Fernando Maia. *Narrativa Audiovisual, Linguagem, Enquadramentos e planos*. Recife, Universidade Federal do Ceará.2013.
- DINES, Alberto. *O papel do jornal*. São Paulo. Summus, 1986.
- FORTES, Leandro. *Jornalismo Investigativo*. São Paulo - SP. Contexto, 2012.
- GOMES, W. *Jornalismo, Fatos e Interesses. Ensaios de teoria do jornalismo*. Série Jornalismo a Rigor, B.1, Florianópolis: Insular, 2009.
- JESPERS, Jean-Jacques - *Jornalismo Televisivo*. 1ª ed, Coimbra, Minerva, 1998
- JORGE, Thaís de Mendonça. *Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas*. São Paulo. Contexto. 2008
- LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (org.). *Jornalismo investigativo*. São Paulo: Publisher Brasil, 2003.
- MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. *Gênero Jornalísticos no Brasil*. São Paulo. Universidade Metodista de São Paulo.2010
- MARQUES DE MELO, José. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. São Paulo. Summus.1985.
- MOURA, Sandra. *Caco Barcellos: o repórter e o método*. João Pessoa. Universitária.2008.
- MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.
- KOTCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. São Paulo. Ática,2001.
- NASCIMENTO, Solano. *Os novos escribas: O fenômeno do jornalismo sobre investigação no Brasil*. Porto Alegre. Arquipélago Editorial.2010
- PATERNOSTRO, Vera Íris. *O Texto na TV: Manual de Telejornalismo*. São Paulo. Campus Elsevier,1999.
- QUATTRER, M. & GOUVEIA, A. P. S. *Cor e Infográfico: O Design da Informação no livro didático*. São Paulo. Revista Brasileira de Design da Informação.2013

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo. Summus. 2000.

REZENDE, Marcelo. *Corta pra mim: os bastidores das grandes reportagens* 1.ed. São Paulo: Planeta. 2013.

ROSENSTIEL, Tom. KOVACH, Bill. *Os elementos do jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir*. Nova York. Geração. 2003.

SANTORO, Daniel. *Técnicas de Investigación*. Cidade do México, México, DF. FCE, 2004.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro *Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia*. São Paulo. Summus. 2005.

SODRÉ, Muniz. FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus. 1986.

SOUZA, José Carlos Arochi. *Gêneros e Formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus. 2004

SQUIRRA, Sebastião. *Aprender Telejornalismo Produção e Técnica*. São Paulo. Brasiliense. 1993

VIZEU, Alfredo; MOTA, Célia Ladeira; PORCELLO, Flávio A. C. (Orgs). *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular. 2006.

VIZEU, Alfredo. *A sociedade do telejornalismo*. Petrópolis: Vozes. 2008.

## REFERENCIAL DE FONTES ELETRÔNICAS

ARANTES, Hadêe Sant'Ana. MUSSE, Christina Ferraz: *Profissão Repórter: Os Desafios da Nova Reportagem Investigativa na Tv*. Portal Intercom: 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-1104-1.pdf>>. Acessado em 01 set 2015.

ABRAJI: *Eduardo Faustini*. Site da Abraji: 2012. Disponível em: <[http://abraji.org.br/?id=120&acao=detalhepalestrante&palestrante\\_id=31](http://abraji.org.br/?id=120&acao=detalhepalestrante&palestrante_id=31)>. Acessado em 08 set 2015.

BAHY, Roberto. *A História do Vídeo Tape*. Site *Jovem Guarda- Recordar é Viver*: 2012. Disponível em: <<http://jovemguardasempre.blogspot.com.br/2012/11/a-historia-do-video-tape.html>>. Acessado em 14 set 2015.

BRONOSKI, Bruna. BARRETA, Leonardo. M.CERVI. Emerson Urizzi: *Debate público ou entretenimento: a visibilidade de hard e soft News nas primeiras páginas do JM e DC*. Portal Intercom: 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1620-1.pdf>>. Acessado em 04 set 2015.

CARDOSO, Ana Luiza: *Faustini: "Quer me matar? Entra na fila!"*. Site da 8ª Conferencia Mundial de Jornalismo Investigativo: 2013. Disponível em: <<http://br.gijc2013.org/2013/10/14/faustini-quer-me-matar-entra-na-fila/>>. Acessado em 08 set 2015.

CINEASTA. Site. *Dicas para garantir uma boa captação de som*. Site Cineasta 81: 2012. Disponível em: <<http://www.cineasta81.com.br/2012/08/01/dicas-para-garantir-uma-boa-captacao-de-som/>>. Acessado em 09 nov 2015.

GUTEMBERG, Instituto. *A câmera oculta é um recurso honesto do jornalismo?* Site Instituto Gutemberg: 1997. Disponível em: <<http://www.igutenberg.org/emqut14.html>>. Acessado em 05 set 2015.

KNEIPP, Valquíria. *A identificação do Jornalismo Investigativo na televisão brasileira*. Portal Intercom: 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0865-1.pdf>>. Acessado em 08 ago 2015.

KAISER, Millos. *O cara sem cara da Globo*. Site UOL Notícias ed. Revista TRIP: 2011. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/196/paginas-negras/o-cara-sem-cara-da-globo.html>>. Acessado em 08 set 2015.

MATTOS, Lia. *Record estreia "clone" do "Jornal Nacional". Folha de S. Paulo, Ilustrada*. Site Folha: 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u57272.shtml>>. Acessado em 19 ago 2015.

METODISTA. *Termos do Jornalismo na TV*. Site Universidade Metodista de São Paulo: 2010. Disponível em: <<http://jornal.metodista.br/tele/manual/>>. Acessado em 09 nov 2015.

ORTIZ, Fabiola. *Morte de Tim Lopes foi "caso anunciado", diz colega que fugiu do país após ameaça de traficantes*. Site UOL Notícias:2011. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/07/16/morte-de-tim-lopes-foi-caso-anunciado-diz-colega-que-fugiu-do-pais-apos-ameaca-de-trafficantes.htm>>. Acessado em 07 set 2015.

*PRINCÍPIOS EDITORIAIS DAS ORGANIZAÇÕES GLOBO*: Site G1/Globo: 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.pdf>>. Acessado em 06 set 2015.

SEIXAS, Lia. *Gêneros. Entrevista com professor José Marques de Mello*. Blog Generos-Jornalísticos. 2008. Disponível em: <<http://generos-jornalisticos.blogspot.com.br/2008/05/o-que-jornalismo-possvel-entender.html>>. Acessado em 23 ago 2015.

\_\_\_\_\_. *Por que não existe um jornalismo Interpretativo*. Site pt.scribd.com: 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/45101998/Porque-nao-existe-genero-jornalistico-interpretativo>>. Acessado em 23 ago 2015.

HUNTER, Lee Mark. *A investigação a partir de histórias: Um manual para jornalistas investigativos*. Site da FENAJ: 2013. Disponível em: <[http://www.fenaj.org.br/public/manual\\_unesco.pdf](http://www.fenaj.org.br/public/manual_unesco.pdf)>. Acessado em 05 set 2015.

## ANEXOS

### ANEXO I – Reportagens Analisadas em DVD

1 Guerra Social: [https://www.youtube.com/watch?v=fvYgxnD\\_9JQ](https://www.youtube.com/watch?v=fvYgxnD_9JQ)

2º Corrupção em São Gonçalo: <https://www.youtube.com/watch?v=P88zw3FRV-0>

3º Prefeitura de cidade do PR distribui medicamentos vencidos a doentes:  
<http://g1.globo.com/fantastico/quadros/Cade-O-Dinheiro-Que-tava-Aqui/noticia/2015/08/prefeitura-de-cidade-do-pr-distribui-medicamentos-vencidos-doentes.html>



**DVD COM AS TRÊS REPORTAGENS  
ANALISADAS**

## **ANEXO II – Descrição na Integra da Reportagem Guerra Social.**

Primeira reportagem analisada pelo pesquisador:

**Tema:** Em 1989, a criminalidade e narcotraficantes cariocas, a venda e compra de armas e drogas no Rio De Janeiro eram mostradas na televisão na reportagem do jornalista Eduardo Faustini no programa Documento Especial, exibido na TV Manchete. O programa teve apresentação de Roberto Maya. É dele o *off* durante toda a reportagem, a voz de Eduardo Faustini não aparece. Sabemos que o mesmo é responsável pela reportagem pela assinatura nos gcs ao final.

Antes do início da reportagem o ancora<sup>17</sup> do programa, o jornalista Roberto Maya inicia com a cabeça da reportagem falando sobre a explosão social e cenas de perplexidade pelo país que aconteciam no final da década de 80. O *off* apresentado pelo ancora fala de ataques a supermercados no início do ano e que não era mais possível diferenciar ações movidas pela fome ou pelo ódio generalizado a uma situação social.

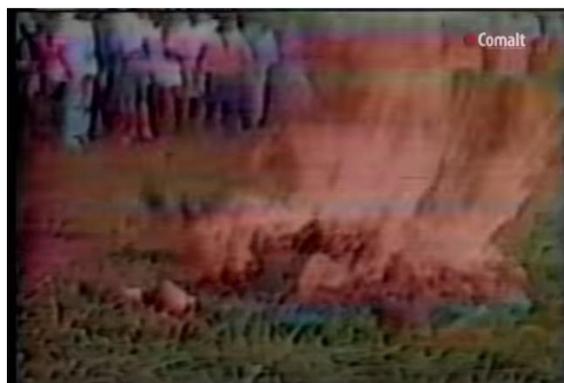
Imagens em um plano geral são exibidas de uma praia carioca, imagens segundo o *off* feitas em outubro de 1989. Este por sua vez continua sendo apresentado e destacando ataques chamados de “arrastões” feitos por excluídos, “imagens que não conseguem ser imaginadas nem pelos produtores de Hollywood”, cita. O *off* destaca junto com imagens que as praias da zona sul do Rio de Janeiro passaram a ser tomadas por invasores e que ações acontecem por várias horas assustando moradores.

As imagens a seguir aparentam ser de uma menor qualidade. Elas mostram adolescentes no calçadão de Copacabana provocando pequenos furtos. Devido a distância não se pode identificar claramente o rosto das crianças, mas percebe-se que elas aparentam entre 10 e 13 anos. O *off* continua trazendo alguns dados da guerra social. Na sequência das imagens a narração destaca o grande número de linchamentos por todo o Brasil, cenas fortes da população queimando vivo um homem são mostradas.

---

<sup>17</sup> Ancora: O termo surgiu em 1948 nos Estados Unidos para definir o profissional que centralizava todas as informações de uma cobertura jornalística. Podemos destacar é o jornalista que apresenta o telejornal. METODISTA (<http://jornal.metodista.br>).

Figura 1: Take da reportagem exibida no Documento Especial de nome Guerra Social:



Fonte: Reprodução/TV Manchete. Acesso em: 26 out de 2015.

O texto destaca a em seu off capacidade de barbárie do povo a imagem mostra um plano aberto possivelmente feito com uma câmera oculta, o homem queimado se debate enquanto dezenas de pessoas olham a cena. O *off* destaca que para muitos esta seria a única forma de se defender da violência.

As imagens na sequência começam a mostrar especificamente o assunto abordado pela reportagem: a ação dos traficantes no Rio de Janeiro. Agora com cenas escuras sempre em um plano aberto, a equipe parece acompanhar os policiais até um dos morros cariocas.

Aos 7 minutos e 57 segundos, é possível rapidamente perceber um cinegrafista do outro lado da rua com uma câmera de mão, o cinegrafista é derrubado por um policial, que tenta escapar de tiros, disparados por traficantes, imagens escuras com forte barulho de tiros continuam sendo mostradas.

O dia amanhece e possível ver melhor a ação policial com clareza, o off se inicia falando que a população desperta em clima de pânico, cenas de moradores em plano aberto descendo o morro são mostradas.

O delegado da divisão de Entorpecentes Nonato Costa é o primeiro entrevistado direto da reportagem, é neste momento que há aparição do primeiro ges.

A entrevista na sequência é do superintendente da Policia Federal na época Edson Antônio Oliveira. Em nenhuma das entrevistas percebe-se a utilização de um microfone de mão, o que reforça que é utilizado um modelo de lapela ou um boom.

Temos aqui a finalização da primeira parte da reportagem, com a entrada da trilha do programa e imagens com logo do *Documento Especial*.

A segunda parte da reportagem inicia com off destacando a movimentação de dólares que o tráfico faz diariamente. Com imagens aparentemente feitas com uma câmera

oculta, o *off* destaca que cada boca de fumo, lugar onde são vendidas as drogas, contam com homens armados. As imagens então mostram o desespero da equipe que foi descoberta por traficantes e acabou sendo alvo de disparos enquanto fazia as imagens.

O *off* destaca que depois de algumas tentativas malsucedidas os repórteres do programa conseguiram convencer os traficantes a falar, na imagem além dos traficantes percebemos um repórter que faz as perguntas. As imagens feitas em um ambiente escuro mostram dois homens portando fuzis e metralhadoras de uso exclusivo das forças armadas americana e argentina, segundo o *off* eles concordaram dar a entrevista sem que fossem identificados por isso usam tocas em seu rosto.

Com a câmera em um plano médio do criminoso, o repórter que está ao lado do cinegrafista não aparenta estar com um microfone na mão, o áudio é captado pela própria câmera, revelações como o uso de menores e o empréstimo de armas para sequestros são feitas. O *off* revela ao final repórter e cinegrafista ficaram cerca de uma hora em poder da facção criminosa e em diversos momentos foram ameaçados de mortes pelos traficantes, que pareciam desconfiados, principalmente quando o repórter pedia para que eles ficassem mais na luz para a câmera registrar uma imagem melhor. Ao final da entrevista, o *off* explica que de olhos vendados os dois jornalistas foram conduzidos a um local secreto.

Figura 2: *Take* da reportagem exibida no *Documento Especial* de nome *Guerra Social: Chefes de Grupo Criminoso* se mostra irritado e passa ameaçar equipe



Fonte: Reprodução/TV Manchete. Acesso em: 26 out. de 2015.

Sequência da reportagem em um plano fechado vemos um homem com uma máscara no rosto, o mesmo se apresenta sendo um policial carioca que diz se corromper vendendo armas para o tráfico e até fazendo sequestros para pagar as contas pois o policial segundo o mesmo era desvalorizado.

Após a entrevista um homem que parece ser um comentarista de segurança, mas que não é identificado em gcs, destaca o aumento de crimes como os sequestros no Rio de

Janeiro. Ao final da reportagem retornamos com *off* na voz do jornalista Roberto Maya e pela primeira vez, ouvimos uma trilha a música FM Rebeldia de Alceu Valença. Imagens exibidas na reportagem voltam a tela, enquanto o texto do *off* fala que a batalha nas ruas não extingue culpados nem inocentes, oprimidos e opressores, imagens da reportagem continuam aparecendo na tela, há um sobe som da música e a última cena que apresenta os gcs com os dizeres, reportagem Eduardo Faustini e produção Rosangela Fernandes.

**ANEXO III – Descrição na Inteira da Reportagem Corrupção em São Gonçalo:**  
Segunda reportagem analisada pelo pesquisador:

**Tema:** Em 21 de abril de 2002, o programa *Fantástico* da TV Globo exibiu a reportagem “Corrupção em São Gonçalo”, onde o secretário de governo e planejamento interno da prefeitura de São Gonçalo no Rio de Janeiro, George Galvert denunciou que recebia visitas de representantes de empresas e políticos, em seu escritório, que lhe ofereciam esquema de comissões e propinas ilícitas, para obter vantagem em negociações feitas pela prefeitura. Ele concordou em ser substituído por um repórter do programa *Fantástico* da TV Globo durante um mês para que pudesse ser comprovada a fraude e mostrar o que acontecia em uma cidade que administra quase 270 milhões de reais por ano segundo a reportagem.

Imagens da cidade são exibidas, enquanto o *off* traz a informação que a prefeitura pretende utilizar cerca de 270 milhões de reais. Como primeiro gc é apresentado na tela que a narração do texto em *off* é feita pelo jornalista Celso Freitas, a imagem do mesmo não aparece durante a reportagem, apenas a voz é utilizada. A imagem a seguir mostra a porta do Secretário de Governo de São Gonçalo. Logo em um plano fechado percebemos um homem em uma mesa ao telefone. O *off* apresenta que este é George Galvert, secretário de Planejamento e Controle Interno do município de São Gonçalo. Segundo o *off* ele é procurado todos os dias por pessoas que querem discutir assuntos de interesse público. Em um plano conhecido como *contra plongée* ou câmera baixa voltada para cima, percebemos imagens de um corredor, nele temos apresentação do segundo gc que as imagens foram feitas pelo repórter cinematográfico Alberto Fernandes.

Em um meio primeiro plano feito pela câmera e usando um microfone de lapela, George Galvert aparece na reportagem identificado com gc, falando que aceitou a proposta do programa *Fantástico* da TV Globo de ser substituído por um jornalista. A imagem a seguir meio escura mostra apenas os pés de um homem caminhando, o *off* traz a informação que o Galvert se afastou do cargo por um mês e apresenta que durante este tempo ele foi substituído pelo repórter Eduardo Faustini.

As imagens mostradas na sequencia são da porta do gabinete. O *off* fala que câmeras e microfones foram escondidos no gabinete para registrar todas as audiências concedidas por Faustini. Imagens mostram o gabinete e os gcs do técnico de áudio responsável Mario Amorim aparecem na tela. O *off* destaca que em algumas audiências o secretário oficial chegou a participar junto com o jornalista.

Apresentada a denúncia, chega o momento de mostrar os flagrantes na reportagem. Foi criado um efeito que aparece na tela com a legenda “O Negociador”.

Imagens feitas por uma câmera oculta começam a ser mostradas, com um homem entrando na sala, segundo o *off* ele é Miguel Macedo, representante da empresa Marfal fornecedora de diversos serviços materiais para prefeitura. Percebemos que na reportagem foram usadas duas câmeras ocultas, sendo uma ao lado do jornalista e outra esquerda do mesmo pouco mais distante, a imagem é sempre em um ângulo aberto. O homem começa a falar da porcentagem que o secretário pode ganhar aprovando a proposta.

Figura 3: *Take* da reportagem exibida no *Fantástico* sobre corrupção em São Gonçalo – Gráfico mostrado na reportagem, para explicar o esquema proposto por Miguel Macedo ao secretário



Fonte: Reprodução/TV Globo. Acesso em: 27 out de 2015.

Neste momento novamente aparece o efeito na tela agora com a legenda “As Comissões”. O representante passa explicar segundo o *off* como funcionaria a “parceria” segundo a reportagem nome usado para definir como deveria funcionar o esquema de pagamento de comissões. Para exemplificar melhor na tela aparece um infográfico que junto com o *off* explica como funciona o sistema. Durante a exibição da reportagem a trilha permanece a todo o momento de forma quase imperceptível.

A seguir a reportagem mostra um outro encontro com o mesmo representante, as câmeras ocultas em plano aberto estão no mesmo lugar. Na sequência da reportagem as imagens apresentadas são em um plano geral de carros trafegando em uma rua da cidade, feitas por uma câmera de porte normal. O *off* apresenta a informação que a cidade de São Gonçalo não tem estacionamento rotativo. Neste momento volta a aparecer na tela o efeito com uma nova legenda com os dizeres “Estacionamento I”, percebe-se que este efeito tem o objetivo de dividir a reportagem em diversos pontos para melhor entendimento do

telespectador. A sequência da reportagem traz no *off* que a concessão do serviço passou a ser disputada por vários interessados.

Novamente temos o efeito com a legenda trazendo a informação “O estacionamento II”. A imagem captada pela câmera oculta mostra um homem cumprimentando Eduardo Faustini. O *off* revela que este é representante da (Adter) Administradora de Terminais Rodoviários, um cartão com o nome Giovani Genta que também é falado no *off* aparece na tela, este foi entregue a Faustini por Genta no momento do encontro, ele se identifica na reportagem sendo parte da diretoria da empresa.

Aos 5 minutos e 10 segundos praticamente na metade da reportagem o efeito com a legenda mostra mais uma parte da reportagem desta vez a palavra “ O Opositor”. Segundo o *off*, a Câmara municipal da cidade é composta por 21 vereadores, destes um se destaca na oposição quando o prefeito é o vereador Ricardo Castor.

As imagens mostradas na sequência feitas pelas câmeras ocultas mostram Castor e o advogado Miguel Nogueira no gabinete. O vereador entra na sala pedindo desculpas e dizendo que está “fazendo política” e que toda a negociação se daria com seu advogado pois ele não falaria naquele local. A câmera mostra o vereador se levantando e saindo da sala. O *off* com a trilha de suspense pergunta “ Por que ele não queria falar ali”, o efeito com a legenda “ O Segredo” reaparece na tela.

As imagens finais da reportagem são do secretário George Galvert, uma sequência de planos médios finalizando com um *plongée*, enquanto o *off* se refere a ele contando que ele abriu as portas de seu gabinete para denunciar um esquema de fraudes, na tela os ges confirmam que a produção e reportagem são de Eduardo Faustini com edição de Ricardo Pereira e Celso Gomes. O apresentador do programa *Fantástico* que exibiu a reportagem na época, Pedro Bial faz uma nota pé<sup>18</sup>, lembrando que São Gonçalo é uma cidade entre tantas outras no Brasil.

---

<sup>18</sup> Nota pé: Nota ao vivo, lida ao final da matéria, com informações complementares. METODISTA (<http://jornal.metodista.br>).

**ANEXO IV – Prefeitura do PR, distribui Medicamentos Vencidos a Doentes.**

Terceira Reportagem analisada pelo pesquisador:

**Tema:** A reportagem produzida para série “Cadê o Dinheiro que tava Aqui” do programa Fantástico da TV Globo foi exibida no dia 02 de agosto de 2015. A mesma faz a denúncia da compra de medicamentos vencidos que deveriam ser descartados por prefeituras do Paraná.

A cabeça da matéria é feita pelos apresentadores do programa os jornalistas Tadeu Schmidt e Poliana Abritta que iniciam o texto em um plano geral, pode-se perceber uma trilha ao fundo, com uma série de efeitos os dois iniciam falando sobre o tema da reportagem. Eduardo Faustini é chamado de repórter secreto pelos apresentadores. A reportagem inicia com imagens escuras mais nítidas. A narração é feita pelo jornalista Tadeu Schmidt, não aparece um gc com esta informação, o texto desta narração fala que as imagens exibidas foram feitas pelo Gaeco (Grupo de Combate ao Crime Organizado) que fica no Paraná.

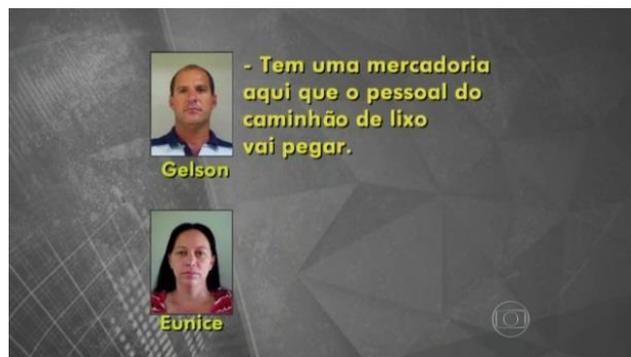
Neste momento, o *off* revela que as imagens são de uma operação policial sendo feita no porão da casa de um prefeito. Temos um sobe som de trilha e para orientar o telespectador uma legenda na tela criada com um efeito aparece, “ Subterrâneos do Crime” algo repetido no *off*. Imagens da operação continuam sendo mostradas sempre em um plano médio, o modelo de efeito segue aparecendo na tela sendo acompanhado pelo *off* neste momento temos a palavra “Lixo”.

A sequência da reportagem continua mostrando imagens que aparentam ser de uma câmera oculta. Neste momento na tela aparece uma tarja<sup>19</sup> na lateral, e o som de uma gravação telefônica é exibido. A ligação é feita entre duas pessoas, um homem e uma mulher que aparecem com a fotos sendo Eunice e Jeferson.

---

<sup>19</sup> Tarja: Efeito feito pela Arte que aparece na matéria para diferenciar o fundo, geralmente aparece com alguma legenda de informação complementar. METODISTA (<http://jornal.metodista.br>).

Figura 4: *Take* da reportagem exibida no *Fantástico* sobre Prefeitura do Paraná distribui Medicamentos Vencidos, Série Cadê o Dinheiro que Tava Aqui



Fonte: Reprodução/TV Globo. Acesso em: 05 nov de 2015.

O *off* explica que na ligação as duas pessoas estão falando de remédios vencidos. A sequência apresenta o repórter Eduardo Faustini, ele é anunciando pelo *off* que explica que para denunciar todo o esquema Faustini está no interior do Paraná. Para que não seja reconhecido na imagem feita em um plano americano, é usado um efeito azul. Aparentemente ele está na frente de uma empresa, ao fundo percebemos o nome FERNAMED. A câmera se posiciona atrás do jornalista que caminha por um corredor, a imagem posterior mostra o repórter tocando um interfone. Aos 7 e 25 segundos entra a trilha da reportagem e uma espécie de abertura o *off* anuncia que ele está lá para perguntar: “Cadê o dinheiro que tava Aqui”, nome da série de reportagens neste momento com este efeito a um sob som.

Após este momento a reportagem exhibe imagens que foram feitas por uma câmera oculta de dentro de um carro. É usado o efeito de zoom para identificar melhor a personagem. Um rápido efeito na tela, e *off* destaca que a mulher na imagem se chama Eunice Vieira de Lara, outro rápido efeito na tela, e o *off* traz a informação “secretária de saúde de Ibema”.

Na sequência, os gcs na tela mostram que a entrevistada é Juliana Stofela, coordenadora do Gaeco de Cascavel no Paraná, ela explica como funcionava este esquema, destacando que a secretária mandava um motorista fazer a retirada dos medicamentos ou ela mesmo e depois estes eram levados até o posto de saúde de Ibema.

Imagens da câmera oculta voltam a ser mostradas. É possível identificar com nitidez o rosto da secretaria. Neste momento junto com *off* aparece na tela as palavras “Coisa Esquisita” em um efeito separado, percebemos um aumento da trilha e *off* destaca o “Gaeco também achou esquisito e está de olho na secretária”.

Um entrevistado aparece na tela. Segundo informações do gcs na reportagem ele é Tiago Nóbrega de Almeida, delegado do Gaeco de Cascavel do Paraná. Ele explica que valores semanais eram pagos, conforme necessidade do prefeito e disposição de verbas das distribuidoras.

Neste momento um efeito com fotos e nome dos réus aparece na tela, são eles Antônio Borges Rabel – DEM sendo preso, junto com a secretária de saúde Eunice Vieira de Lara, o secretário de finanças Valdir Roberto Scheifer, Nesia dos Santos funcionária da secretaria de saúde, e Gelson Martins Teixeira, Alexandro dos Santos, Odair José Sartor, Fabio de Castro todos responsáveis por distribuidoras de medicamentos ao final do efeito um outro efeito de escurecer a tela é usado.

A coordenadora do Gaeco Juliana Stofela reaparece na tela. Ela destaca que havia entre o grupo preso um esquema de licitações fechadas. Enquanto ela fala imagens das distribuidoras aparecem na tela o delegado Tiago Nóbrega de Almeida também torna a aparecer explicando que os acusados também respondem por prática de desvios de medicamentos, superfaturamento de notas, emissão de notas fictícias.

## **ANEXO V Modelo criado por Mark Lee Hunter, para o Manual de Jornalismo Investigativo da Abraji**

Modelo criado por Mark Lee Hunter, para o Manual de Jornalismo Investigativo da Abraji, criado em parceria com Unesco em 2013. Destaca-se aqui as características e as diferenças do trabalho produzido pelo jornalismo investigativo e pelo jornalismo convencional

<b>JORNALISMO CONVENCIONAL</b>	<b>JORNALISMO INVESTIGATIVO</b>
<b>Pesquisa</b>	
As informações são reunidas e relatadas a um ritmo fixo (Diário, semanal, mensal).	As informações não podem ser publicadas até que a sua coerência e completude estejam garantidas.
A pesquisa é completada com rapidez. Não se faz uma pesquisa adicional uma vez que a história esteja completa.	A pesquisa continua até que a história esteja confirmada, e pode continuar após a sua publicação.
A história se baseia em um mínimo necessário de informações, e pode ser bastante curta.	A história se baseia no máximo possível de informações, e pode ser bastante longa.
As declarações das fontes podem substituir a documentação.	A reportagem requer uma documentação capaz de apoiar ou negar as informações das fontes.
<b>Relações de fontes</b>	
A boa fé das fontes é presumida, frequentemente sem verificação.	A boa fé das fontes não pode ser presumida; qualquer fonte pode fornecer informações falsas; nenhuma informação pode ser utilizada sem verificação.
As fontes oficiais fornecem informações ao (à) repórter livremente, para promoverem a si e às suas metas.	As informações oficiais são ocultadas do (a) repórter, porque a sua revelação pode comprometer os interesses de autoridades ou instituições.
O (a) repórter deve aceitar a versão oficial da história, ainda que ele ou ela possa contrastá-la com comentários ou afirmações de outras fontes.	O (a) repórter pode desafiar ou negar explicitamente a versão oficial de uma história, com base nas informações de fontes independentes.
O (a) repórter dispõe de menos informações do que a maioria das suas fontes.	O (a) repórter dispõe de mais informações do que qualquer uma das suas fontes, considerada individualmente, e de mais informações do que a maioria delas em conjunto.
As fontes são quase sempre identificadas.	As fontes frequentemente não podem ser identificadas, em nome de sua segurança.

<b>Resultados</b>	
A reportagem é vista como um reflexo do mundo, que é aceito assim como ele está dado. O (a) repórter não espera obter resultados além de informar o público.	O (a) repórter se recusa a aceitar o mundo como ele se apresenta. A história visa a penetrar ou expor uma dada situação, para que seja reformada ou denunciada, ou, em certos casos, para que se promova um exemplo de um caminho melhor.
A reportagem não requer um engajamento pessoal por parte do (a) repórter.	Sem um engajamento pessoal do (a) repórter, a história nunca será completada.
O (a) repórter busca ser, objetivo (a), sem viés ou juízo de valor em relação a qualquer uma das partes envolvidas em uma história.	O (a) repórter busca ser justo (a) e escrupuloso (a) em relação aos fatos da história, e com base nisso pode designar as suas vítimas, heróis e malfeitores. O (a) repórter também pode oferecer um juízo de valor ou veredito sobre a história.
A estrutura dramática da reportagem não é de grande importância. A história não precisa ter um final, pois as notícias continuam.	A estrutura dramática da história é essencial para o seu impacto, e leva a uma conclusão que é oferecida pelo (a) repórter ou por uma fonte.
Erros podem ser cometidos pelo (a) repórter, mas eles são inevitáveis e, normalmente, não têm muita importância.	Os erros expõem o (a) repórter a sanções formais e informais, e podem destruir a credibilidade do (a) repórter e do (s) meio (s) de comunicação.